



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

VALESKA DA SILVA PEDROZO

PRIMEIRA INFÂNCIA E FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE: INFLUÊNCIAS
BIOLÓGICAS, SOCIAIS E EMOCIONAIS

ERECHIM - RS

2026

VALESKA DA SILVA PEDROZO

**PRIMEIRA INFÂNCIA E FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE: INFLUÊNCIAS
BIOLÓGICAS, SOCIAIS E EMOCIONAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS),
como requisito para obtenção do título de
Graduanda em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dra. Adriana Salete Loss

ERECHIM - RS

2026

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Pedrozo, Valeska da Silva
PRIMEIRA INFÂNCIA E FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE:
INFLUÊNCIAS BIOLÓGICAS, SOCIAIS E EMOCIONAIS / Valeska
da Silva Pedrozo. -- 2026.
64 f.

Orientadora: Pro^a. Dr^a. Adriana Salete Loss

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Pedagogia, Erechim,RS, 2026.

1. Desenvolvimento da personalidade, Primeira
infância, desenvolvimento infantil, interações sociais,
Educação Infantil.. I. Loss, Adriana Salete, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

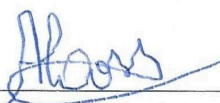
VALESKA DA SILVA PEDROZO

**PRIMEIRA INFÂNCIA E FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE: INFLUÊNCIAS
BIOLÓGICAS, SOCIAIS E EMOCIONAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Pedagogia da
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS),
como requisito para obtenção do título de
Graduanda em Pedagogia.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 24/06/2026.

BANCA EXAMINADORA



Profª Dra Adriana Salete Loss
Orientador(a)



Profª Ms Ana Carolina Bresolin Stakonski

Membro da Banca



Profª Ms Diuliana Chiradia Pimentel
Membro da Banca

Dedico este trabalho aos meus pais, que não pouparam esforços para que eu pudesse concluir meus estudos, sempre me apoiando para que eu pudesse seguir firme minha caminhada acadêmica.

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho representa a concretização de uma etapa cheia de emoções, desafios e superações. Ao olhar para trás e ver o caminho percorrido me traz a certeza de que cada noite em claro e cada obstáculo foram fundamentais para o meu amadurecimento, tanto acadêmico quanto pessoal. Nada disso teria sido possível sem o apoio daqueles que acreditaram em minha trajetória acadêmica, dessa forma, agradeço aos meus pais, por todo o zelo e dedicação que sempre tiveram comigo. Aos meus amigos e familiares, que sempre estiveram presentes em minha trajetória acadêmica, apoiando e dando entusiasmo para que eu pudesse seguir em frente. Também ao meu namorado, que, por mais que tenha chegado durante a minha caminhada acadêmica, sempre esteve presente, dedicando-se a me ajudar e apoiar para que eu chegasse ao fim do meu curso e conquistasse o meu sonho de me formar Professora. Também uma dedicatória em especial para a minha orientadora Doutora Adriana Salete Loss, por sempre estar presente em todos os momentos da construção desta pesquisa, sanando minhas dúvidas durante a realização da pesquisa. A todos os professores, mestres e doutores, que me deram ensinamentos e que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional ao longo do curso.

Além disso, um agradecimento a todos aqueles que contribuíram, de alguma forma, para a realização deste trabalho. Agradeço também às pessoas com quem convivi ao longo desses anos de curso, que me incentivaram e que, certamente, tiveram impacto na minha formação acadêmica. E, por fim, agradeço a oportunidade de concluir minha trajetória acadêmica na Universidade Federal Fronteira Sul (UFFS), que sempre me proporcionou muitos conhecimentos, sinto-me muito grata por poder fazer parte desta instituição. Gratidão a todos que estiveram presentes durante minha trajetória acadêmica.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o desenvolvimento da personalidade na primeira infância, compreendendo-o como um processo complexo, dinâmico e multideterminado, resultante da interação entre fatores biológicos, afetivos, sociais e culturais. A pesquisa caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, configurando-se como um estudo teórico-reflexivo (revisão narrativa), fundamentada em autores como Jean Piaget, Lev Vygotsky, Henri Wallon, Maria Montessori e Friedrich Fröbel, cujas contribuições permitem compreender o desenvolvimento infantil em suas diferentes dimensões. Inicialmente, discute-se a importância da primeira infância como período fundamental para a constituição do sujeito, destacando que as experiências vividas nesse momento influenciam significativamente o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança. Em seguida, aborda-se a formação da personalidade, evidenciando o papel das emoções, dos vínculos afetivos e das interações sociais na construção da identidade e da subjetividade infantil, sendo abordado também a influência da família como o primeiro e principal contexto de socialização, responsável por proporcionar as bases emocionais e relacionais que sustentam o desenvolvimento da criança. Posteriormente, destaca-se o papel da Educação Infantil como espaço privilegiado de aprendizagem e desenvolvimento, no qual, por meio de práticas pedagógicas intencionais, da brincadeira e das interações, a criança amplia suas capacidades cognitivas, sociais e culturais. Por fim, evidencia-se, a partir da reflexão teórica, que o desenvolvimento da personalidade infantil ocorre de forma contínua e relacional, sendo profundamente influenciado pelas condições de vida, pelas experiências e pelas relações estabelecidas ao longo da infância, ressaltando a importância de contextos educativos e familiares que promovam o desenvolvimento integral da criança.

Palavras-chave: Desenvolvimento da personalidade. Primeira infância. Desenvolvimento infantil. Interações sociais. Educação Infantil.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the development of personality in early childhood, understanding it as a complex, dynamic, and multidetermined process, resulting from the interaction of biological, emotional, social, and cultural factors. The study adopts a qualitative approach, configured as a theoretical-reflective study (narrative review), based on authors such as Jean Piaget, Lev Vygotsky, Henri Wallon, Maria Montessori, and Friedrich Fröbel, whose contributions help to understand child development in its various dimensions. Initially, the importance of early childhood as a crucial period for the formation of the individual is discussed, highlighting that the experiences lived during this time significantly influence the child's cognitive, emotional, and social development. Subsequently, the formation of personality is addressed, highlighting the role of emotions, emotional bonds, and social interactions in the construction of the child's identity and subjectivity. Next, the influence of the family is examined as the first and primary context of socialization, responsible for providing the emotional and relational foundations that support a child's development. Subsequently, the role of Early Childhood Education is highlighted as a privileged space for learning and development, where, through intentional pedagogical practices, play, and interactions, the child expands their cognitive, social, and cultural skills. Finally, it is evidenced, based on theoretical reflection, that a child's personality development occurs in a continuous and relational manner, being deeply influenced by living conditions, experiences, and relationships formed throughout childhood, underscoring the importance of educational and family contexts that foster the child's holistic development.

Keywords: Personality development. Early childhood. Child development. Social interactions. Early childhood education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Os estágios do desenvolvimento da pessoa segundo Wallon	15
Quadro 2 - O aparecimento de expressões emocionais na infância	21
Quadro 3 - Os cinco traços da personalidade	23
Quadro 4 - Síntese das contribuições elencadas no texto para o desenvolvimento da personalidade infantil	45

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
3 METODOLOGIA.....	39
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES: FATORES SOCIAIS, CULTURAIS E EMOCIONAIS QUE INFLUENCIAM A PERSONALIDADE INFANTIL.....	40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	51

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo investiga a Primeira Infância e formação da personalidade: Influências biológicas, sociais e emocionais. A pesquisa busca a compreensão de como as experiências emocionais vividas nesse período influenciam na constituição da personalidade da criança, levando em consideração os vínculos afetivos estabelecidos com a família, o ambiente escolar e o contexto social.

O desenvolvimento da personalidade infantil não é um processo puramente natural ou biológico, mas, sobretudo, histórico e social (Bissoli, 2014). Para a autora, desde os primeiros momentos de vida, a criança é inserida em uma sociedade repleta de expectativas, normas e costumes, de modo que a sua formação resulta do intercâmbio contínuo entre o seu desenvolvimento psicofisiológico e as mediações do seu ambiente cultural. A consolidação do psiquismo exige que a criança seja reconhecida não como um ser passivo, mas como um sujeito ativo que reage afetivamente ao meio em que vive, impactando-o e sendo dialeticamente transformado por ele (Lemos; Magiolino; Silva, 2022).

O funcionamento psíquico baseia-se em uma interação complexa de elementos biológicos, psicológicos e sociais, de modo que as interações sociais e a formação de vínculos afetivos transformam profundamente a maneira como a criança se desenvolve e enxerga o seu entorno (Gonçalves, 2022). A qualidade dessas relações afeta as emoções, as atitudes e a psique ao longo de toda a vida. Diante disso, percebe-se que a vivência de cada criança, mesmo inserida em um ambiente semelhante, produz sentidos únicos e particulares, o que fundamenta a diversidade na formação de suas personalidades.

1.1 JUSTIFICATIVA

O despertar pela curiosidade em torno do tema emergiu a partir de experiências vivenciadas em sala de referência com uma criança que, por coincidência, tinha um irmão gêmeo no mesmo ambiente. Ambos compartilhavam os mesmos espaços, rotinas e brincadeiras; contudo, apresentavam comportamentos significativamente distintos: enquanto um se mostrava calmo e gentil, o outro revelava uma personalidade oposta, marcada por atitudes impulsivas, frias e, por vezes, hostis em relação aos colegas.

Tratava-se de uma criança cuja personalidade se mostrava particularmente desafiadora para o convívio e para o trabalho pedagógico, como ressalta Puig (1998, p. 51):

Os meios são extremamente importantes, pois o sujeito não está inserido em um único ambiente de experiência moral, mas sim em ambientes diversos e mutáveis. A

partir desse entendimento, o autor pontuou a importância da educação ecológica-moral. A construção da personalidade moral depende das relações entre os meios que o sujeito em formação é capaz de perceber.

Diante disso, iniciou-se uma reflexão sobre quais poderiam ser as interferências que diferenciavam tanto um do outro, em todos os aspectos constituintes. A partir de então, surgiu a necessidade de investigar os motivos de tais ações e quais fatores influenciaram uma diferença tão expressiva entre ambos, mesmo compartilhando experiências quase idênticas na maior parte de seu cotidiano escolar e familiar.

Portanto, a relevância deste estudo justifica-se pela necessidade de analisar mais profundamente as experiências emocionais vivenciadas na primeira infância, bem como a influência que exercem no desenvolvimento da personalidade da criança. Busca-se, assim, contribuir para a elucidação das diversas dimensões emocionais que fundamentam o desenvolvimento e o comportamento infantil, considerando os múltiplos fatores que participam desse processo formativo.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Geral

Analisar o desenvolvimento da personalidade na primeira infância, aspectos biológicos e sociais.

1.2.2 Específicos

- Analisar a importância dos vínculos afetivos familiares no desenvolvimento emocional e na constituição da personalidade infantil;
- Investigar de que forma o ambiente escolar contribui para o desenvolvimento das competências emocionais na primeira infância;
- Identificar a influência do contexto social e cultural nas experiências emocionais da criança pequena;
- Refletir sobre a inter-relação entre fatores emocionais e a formação da personalidade nos primeiros anos de vida.

1.2 ESTRUTURA DO TRABALHO

O texto foi elaborado e estruturado com o intuito de trazer, em cada capítulo, a parte essencial que permeia o desenvolvimento da personalidade na primeira infância.

O primeiro capítulo retrata sobre a primeira infância e seu desenvolvimento, voltado para o âmbito mais psicológico e psíquico da criança. Para isso, abordam-se os estágios de desenvolvimento, na perspectiva do autor Wallon (2011).

O segundo capítulo traz de que maneira ocorre o desenvolvimento da personalidade na primeira infância. Inicialmente, apresenta um conceito sobre personalidade, para então direcioná-lo à primeira infância, que é o foco em análise. Retratam-se as emoções desde o nascimento até os 7 meses da criança e abordam-se continuamente os traços que as autoras Bee e Boyd (2011) enfatizam como aspectos significativos na construção da personalidade infantil.

O terceiro capítulo aborda a influência da família no desenvolvimento da personalidade. Discute-se que a construção da personalidade ocorre a partir da interação entre fatores internos e externos, e a família é o espaço inicial onde se estabelecem vínculos afetivos, relações sociais e experiências fundamentais para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo. Nessa perspectiva, fundamentada em Dessen e Costa (2005), a família é compreendida como um sistema dinâmico e complexo, no qual há muitas influências mútuas entre seus membros e o contexto sociocultural mais amplo. Além disso, enfatiza-se que as interações familiares, os vínculos afetivos e o ambiente emocional exercem papel decisivo na formação do “eu”, o que contribui para a construção da identidade e da autonomia da criança.

O quarto capítulo busca avaliar quais são as contribuições da Educação Infantil para o desenvolvimento da criança. Nele, discute-se a relação entre desenvolvimento e aprendizagem, processos estes que são compreendidos como interdependentes e que ocorrem de forma dinâmica e contínua. Nesse sentido, a Educação Infantil é apresentada como um ambiente que contribui significativamente para o desenvolvimento integral da criança, em suas dimensões cognitivas, afetivas, sociais e culturais, por meio das diversas experiências vivenciadas no cotidiano escolar. Abordam-se também as contribuições teóricas de autores como Maria Montessori (1965) e Friedrich Fröbel (2001), que defendem a criança como um sujeito ativo no processo de aprendizagem e ressaltam a importância da exploração e do ambiente para o desenvolvimento infantil.

Por fim, o último capítulo traz os fatores sociais, culturais e emocionais que influenciam a personalidade infantil, o que amplia a compreensão de que esse processo não depende apenas de aspectos biológicos ou individuais, mas é construído nas relações que a criança estabelece ao longo de sua vida. Enfatizam-se as experiências afetivas e emocionais, apoiadas em teóricos como Gratiot-Alfandéry (2010), para mostrar que vínculos de cuidado, segurança e afeto favorecem o desenvolvimento da autonomia e de relações saudáveis. Por

outro lado, a ausência desses vínculos, ou a sua fragilidade, pode impactar negativamente o desenvolvimento da criança

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo apresenta os fundamentos teóricos que dão sustentação a esta pesquisa. A construção e o desenvolvimento da personalidade na primeira infância não ocorrem de forma isolada, mas resultam das interações dinâmicas e contínuas entre os aspectos internos do indivíduo e as influências do ambiente externo. Nesse processo, a criança aprende a partir das relações e interações que estabelece com o outro e com o meio em que vive, assimilando regras sociais, hábitos e conhecimentos que vão constituindo, gradativamente, a sua inteligência e a sua personalidade. Diante disso, as seções a seguir buscam aprofundar a compreensão teórica sobre o desenvolvimento infantil, a influência das emoções e o papel decisivo dos vínculos afetivos nessa etapa inicial de formação humana.

2.1 A PRIMEIRA INFÂNCIA E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A primeira infância, compreendida aproximadamente do nascimento da criança até os seis anos de idade, constitui um período decisivo para o ser humano, que segundo Vygotsky¹, Luria e Leontiev (2017, p. 60):

Durante esse período da vida de uma criança, o mundo a seu redor se decompõe como se fosse em dois grupos. Um grupo consiste em pessoas inteiramente relacionadas com ela, sendo que as relações com elas determinam suas relações com o resto do mundo. Essas pessoas são sua mãe, seu pai, ou aqueles que ocupam lugares junto à criança. Um segundo círculo, mais amplo, é formado por todas as demais pessoas, dado que as relações com essas são mediadas pelas relações que ela estabeleceu no primeiro círculo, mais estreito.

É na primeira infância que se constitui todo o processo fundamental de formação do ser humano, como ressalta Papalia e Feldman (2013), o conceito de infância pode ser visto como uma construção social, sendo ele marcado por diferentes fatores, como as experiências afetivas, sociais e cognitivas, que deixam marcas muito aparentes na constituição e desenvolvimento da personalidade.

É nesta fase da infância em que o funcionamento cognitivo toma forma, como enfatiza Palangana (2013, p. 44) “o funcionamento cognitivo ao qual Piaget² se refere é constituído, basicamente, pelos mecanismos de adaptação e de organização presentes em todos os seres vivos desde o nascimento”. A infância é um período essencial no desenvolvimento humano, na qual predominam as primeiras formas de comportamento, como citado anteriormente, as

¹ Vygotsky: A mediação cultural e a formação social da mente.

² Piaget: O desenvolvimento cognitivo e as fases de estruturação do conhecimento.

quais são descritas por Vygotsky como estruturas elementares, sendo retratado por Palangana (2013, p. 140), como:

Totalidades psicológicas construídas basicamente por determinantes biológicas, por processos reativos. Já as estruturas seguintes (ou superiores), quer dizer, as formas de comportamento mais complexas, emergem todas do processo de desenvolvimento cultural. Inicialmente, as respostas que as crianças dão ao mundo são determinadas pelos processos biológicos (estruturas elementares de reação do organismo).

Como Wallon³ (2011) enfatiza, o desenvolvimento humano deve-se a fatores biológicos, a condições da existência (eminentemente sociais) e as características individuais de cada ser. Além do mais, “o estudo da criança deve ser realizado analisando suas fases de desenvolvimento” (Nunes; Silveira, 2011, p. 117), tendo em vista que para isso, ele tomou como ponto crucial a observação da criança, compreendendo suas manifestações, sem utilizar nenhum contraponto da lógica adulta, fazendo então Os estágios do desenvolvimento da pessoa, que segue no quadro abaixo (Quadro 1).

Quadro 1 - Os estágios do desenvolvimento da pessoa segundo Wallon

Impulsivo emocional (1º ano)	Momento marcado por inabilidade motora (e simbólica), dependência de cuidados maternos, movimentos desordenados. Comunicação por meio da emoção (choro, medos, sons que vão se diferenciando, etc.). Inicialmente a criança não percebe diferenciação entre seu corpo e os objetos do mundo externo. As manifestações emocionais iniciais produzem efeitos no ambiente, mobilizam a presença do outro, já sendo um contato de caráter social. Os adultos vão introduzindo gradativamente a criança no contexto cultural em que vivem.
Sensório-motor Projetivo (1 - 3 anos)	A criança começa a explorar o mundo físico, a manipulá-lo. Maior autonomia de movimentos. Utilização de uma inteligência prática (conhecimento perceptivo e motor da realidade). O pensamento está atrelado aos gestos/movimentos. Há uma projeção do pensar em manifestações motoras.

³ Wallon: O ambiente preparado e a autonomia infantil.

	Início do desenvolvimento da função simbólica (movida pela ação).
Personalista (3 - 6 anos)	Momento de formação da personalidade/construção da subjetividade. Há o predomínio dos aspectos afetivos na relação da criança com o ambiente. Busca de autonomia, "negação" do outro, contraposições a ordens, comportamentos arredios em determinadas situações, mas ainda com forte vínculo com a família e necessidade de aprovação. Pensamento sincrético (fabulação, contradição, incoerências na fala e na escrita etc). Função simbólica consolidada. Tentativa de autoconstituição, de construção de si.
Categorial (6 - 11 anos)	Avanços no plano da inteligência. Redução do sincretismo. Pensa formando categorias, consegue organizar séries, classificar, diferenciar. (Compreende a realidade de forma mais objetiva). Interesses da criança pelos objetos externos, conhecimento da realidade, curiosidades. A energia do sujeito volta-se para o mundo externo. Conflitos entre ampliar o universo de atividades a serem conhecidas e preservar a relação com as pessoas importantes para ela. Abrandamento dos conflitos/Trégua interpessoal (DANTAS, 1990).
Adolescência (11 anos em diante)	Inicia-se a puberdade e, com ela, mudanças no plano afetivo, nas relações consigo e com os outros. O componente afetivo é mais "racionalizado" em virtude de mudanças no campo intelectual. Momento de construção de si, de busca de novos sentidos. Depara-se com o desafio (conflito) de buscar sua identidade, de ampliar seus vínculos afetivos, sem com isso perder a afeição de pessoas significativas (pais, por exemplo).

Fonte: Adaptada pela autora, de Nunes e Silveira (2011, p. 120).

O quadro evidencia que a formação do ser, na perspectiva de Wallon, ocorre de maneira dinâmica, integrada e contínua, envolvendo dimensões afetivas, cognitivas, motoras e sociais. Ao organizar os estágios do desenvolvimento da pessoa, observa-se que o sujeito se constitui a partir da relação constante entre seu organismo, o meio em que vive e as interações que estabelece com os outros.

Cada estágio apresenta características específicas que evidenciam o processo de constituição do sujeito a partir das experiências vivenciadas e das interações estabelecidas em seu contexto social e cultural. Nesse percurso de desenvolvimento, “na passagem de um estágio ao outro podem surgir alterações no comportamento da criança, instalando-se crises” (Nunes; Silveira, 2011, p. 120). Tais “crises” correspondem a situações de conflito que sinalizam momentos de reorganização no desenvolvimento do sujeito. Desde os primeiros movimentos impulsivos e emocionais até a adolescência, período em que se intensificam os conflitos identitários e afetivos, demonstra-se que a formação humana ocorre por meio de um processo contínuo de construção da personalidade, da consciência e da inserção social.

Podemos ressaltar que a teoria walloniana reforça a compreensão de que o ser humano se desenvolve na relação entre emoção e razão, entre o individual e o coletivo, sendo essa articulação fundamental para sua constituição integral.

A compreensão do desenvolvimento infantil, exige considerar o papel central da atividade na constituição dos processos psíquicos e da personalidade da criança. Na tradição histórico-cultural, especialmente nos trabalhos de Leontiev, a atividade principal é entendida como aquela que ocupa lugar central em determinado estágio do desenvolvimento e que organiza, de forma estruturante, as transformações psicológicas da criança. Segundo os autores, “chamamos atividade principal da criança a caracterizada pelos três atributos” (Vygotsky; Luria; Leontiev, 2017, p. 64), os quais permitem compreender como o desenvolvimento se processa de maneira dinâmica e mediada pelas relações sociais.

O primeiro atributo refere-se ao fato de que a atividade principal é aquela em cuja forma surgem outros tipos de atividade, diferenciando-se progressivamente em seu interior. Esta atividade ocorre no período pré-escolar, por exemplo, a instrução, ainda em sua forma inicial, emerge no interior da atividade lúdica, evidenciando que a criança começa a aprender por meio do brincar. Assim, o brinquedo não é apenas uma ação espontânea, mas um espaço privilegiado de surgimento de novas formas de atividade e aprendizagem (Vygotsky; Luria; Leontiev, 2017).

O segundo atributo aponta que a atividade principal é aquela na qual determinados processos psíquicos tomam forma ou são reorganizados. No brinquedo, desenvolvem-se

inicialmente os processos de imaginação ativa, enquanto em etapas posteriores, como no estudo, estruturam-se os processos de pensamento abstrato. Contudo, Leontiev ressalta que nem todos os processos psíquicos são moldados diretamente na atividade principal, mas também em atividades geneticamente ligadas a ela, como o desenho e as atividades com cores na infância pré-escolar, que contribuem para processos de observação e generalização (Vygotsky; Luria; Leontiev, 2017).

O terceiro atributo destaca que a atividade principal é aquela da qual dependem as mudanças psicológicas mais significativas na personalidade infantil em determinado período do desenvolvimento. É no brincar, por exemplo, que a criança pré-escolar assimila papéis sociais, normas e padrões de comportamento, apropriando-se das funções sociais dos adultos e construindo aspectos fundamentais de sua personalidade. Esse processo de internalização das relações sociais vivenciadas no jogo constitui um elemento essencial na formação do sujeito (Vygotsky; Luria; Leontiev, 2017).

Os autores enfatizam que “a atividade principal é então a atividade cujo desenvolvimento governa as mudanças mais importantes nos processos psíquicos e nos traços psicológicos da personalidade da criança, em um certo estágio de seu desenvolvimento” (Vygotsky; Luria; Leontiev, 2017, p. 65).

A noção de atividade principal evidencia que o desenvolvimento infantil não ocorre de forma natural ou isolada, mas está profundamente condicionado pelas formas de atividade socialmente organizadas vivenciadas pela criança em cada etapa de sua vida. Tal compreensão reforça a centralidade do meio social e das práticas culturais na constituição da personalidade. Nesse sentido, destaca-se que “todo desenvolvimento é um processo de mudança contínua, às vezes rápida e evidente, às vezes lenta e difícil de ver” (Sylva; Lunt, 1999, p. 101).

O desenvolvimento cognitivo, emocional e intelectual ocorre de maneira contínua e singular, manifestando-se, muitas vezes, por meio de transformações sutis, porém profundamente significativas no processo de formação do sujeito. À medida que a criança se desenvolve e se insere em contextos sociais, ocorre a transição para estruturas superiores de comportamento, que emergem do processo de desenvolvimento cultural.

Com isso, a infância assume grande relevância por constituir o período em que se estabelecem as bases para a formação das funções psicológicas superiores. Vygotsky, Luria e Leontiev (2007, p. 44) destacam que “o desenvolvimento psicointelectual da criança realiza-se no processo de interação com o ambiente natural e social”.

A partir dessa perspectiva, as experiências emocionais vivenciadas pela criança exercem influência significativa em sua formação afetiva e no desenvolvimento de suas

capacidades psicológicas. Dessa maneira, evidencia-se a importância de um olhar atento não apenas para os vínculos familiares e para o ambiente escolar, mas para todo o contexto social, cultural e relacional no qual a criança está inserida, uma vez que tais dimensões participam ativamente da constituição de seu desenvolvimento.

O desenvolvimento da primeira infância é período de descobertas e investigações, sendo ele de extrema importância, para se adentrar nas próximas fases destacadas por Wallon, sendo um processo com diversos conflitos, como retrata Galvão (2012, p. 40):

Segundo a perspectiva walloniana, o desenvolvimento infantil é um processo pontuado por conflitos. Conflitos de origem exógena, quando resultantes dos desencontros entre as ações da criança e o ambiente exterior, estruturado pelos adultos e pela cultura. De natureza endógena, quando gerados pelos efeitos da maturação nervosa.

Ressalta-se que todos os fatores presentes no processo de desenvolvimento na primeira infância, tanto internos quanto externos, contribuem significativamente influenciando também a constituição de sua personalidade e de seu caráter psicológico. Conforme destacam Vygotsky; Luria; Leontiev (2017, p. 59), “durante o desenvolvimento da criança, sob a influência das circunstâncias concretas de sua vida, o lugar que ela objetivamente ocupa no sistema das relações humanas se altera”.

O desenvolvimento infantil ocorre em estreita relação com as condições sociais e culturais nas quais a criança está inserida. À medida que suas relações sociais se transformam, também se transformam suas formas de agir, pensar e se constituir como sujeito. O desenvolvimento na primeira infância é orientado pelas interações estabelecidas e pelo meio social no qual a criança está inserida. Essa perspectiva é evidenciada nas contribuições de Leontiev, Luria e Vygotsky (2005, p. 44), os quais destacam que o desenvolvimento infantil está profundamente relacionado ao processo educativo:

Conduzir o desenvolvimento através da educação significa organizar esta interação, dirigir a atividade da criança para o conhecimento da realidade e para o domínio – por meio da palavra – do saber e da cultura da humanidade, desenvolver concepções sociais, convicções e normas do comportamento moral. O problema mais importante a este respeito é o da relação recíproca entre aprendizagem, educação e desenvolvimento psicointelectual.

A primeira infância deve ser compreendida como um período essencial, sendo ressaltado pelo autor Wallon (2012, p. 41) que “não é possível definir um limite para o desenvolvimento da inteligência, nem tampouco da pessoa, pois dependem das condições oferecidas pelo meio e do grau de apropriação que o sujeito fizer delas”, à

vista disso, o desenvolvimento humano é compreendido como um processo dinâmico e dialético, no qual as experiências, vínculos, aprendizagens e o contexto estão integralmente entrelaçados, constituindo a base da personalidade e sustentando os desdobramentos futuros do desenvolvimento. Sendo nesse momento que se começam a estruturar as primeiras formas de interação, de regulação emocional e de compreensão de si e do outro, elementos que serão continuamente constituídos ao longo da vida. Nessa perspectiva, Wallon (2010, pg. 34) esclarece que “o surgimento de uma nova etapa do desenvolvimento implica na incorporação dinâmica das condições anteriores, ampliando-as e ressignificando-as”.

Nesse viés, compreende-se a primeira infância como um período marcado por grande complexidade e relevância no desenvolvimento humano, pois é nesse momento que se intensificam as interações sociais e culturais que sustentam a constituição psíquica da criança. Essas interações não apenas acompanham, mas orientam o modo como a criança se relaciona com o mundo, com os outros e consigo mesma, influenciando diretamente a construção de suas capacidades cognitivas, afetivas e sociais. O desenvolvimento não pode ser entendido como resultado exclusivo da posição que a criança ocupa no meio social, mas como um processo dinâmico, profundamente ligado às experiências concretas vividas, às atividades que realiza e às condições reais em que sua vida se desenvolve, visto que segundo Vygotsky, Luria e Leontiev (2017, p. 63):

A mudança do lugar ocupado pela criança no sistema das relações sociais é a primeira coisa que precisa ser notada quando se tenta encontrar uma resposta ao problema das forças condutoras do desenvolvimento de sua psique. Todavia, esse lugar, em si mesmo, não determina o desenvolvimento: ele simplesmente caracteriza o estágio existente já alcançado. O que determina diretamente o desenvolvimento da psique de uma criança é sua própria vida e o desenvolvimento dos processos reais desta vida — em outras palavras: o desenvolvimento da atividade da criança, quer a atividade aparente, quer a atividade interna. Mas seu desenvolvimento, por sua vez, depende de suas condições reais de vida.

Dessa forma, evidencia-se que o desenvolvimento infantil se constrói a partir da articulação entre as condições de vida da criança, as atividades que ela realiza e as relações sociais que estabelece, configurando-se como um processo contínuo e relacional, no qual o sujeito se constitui por meio das experiências vivenciadas em seu contexto social e cultural.

Posto isso, compreender a primeira infância implica em reconhecer a complexidade dos processos que envolvem a formação do sujeito, considerando que

aspectos afetivos, cognitivos, sociais e culturais se entrelaçam e contribuem para a constituição das bases da personalidade e das formas de interação da criança com o mundo. Diante disso, torna-se fundamental aprofundar a compreensão de como essas dimensões participam da formação do sujeito em seus primeiros anos de vida. No próximo capítulo será abordado o desenvolvimento da personalidade na infância, buscando entender como os processos afetivos, sociais e culturais contribuem para a constituição da subjetividade e das características que marcam a formação da criança.

2.2 O DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE NA INFÂNCIA

A personalidade enquanto objeto de estudo na área da Psicologia, tem por seu principal objetivo explicar o modo como os indivíduos percebem, interpretam e interagem com o mundo ao seu redor, ressaltando que segundo Piaget (2010, p.13), “O desenvolvimento psíquico, começa quando nascemos e termina na idade adulta”. Dado que ao longo da história, obteve-se diferentes correntes históricas que buscaram explicar a origem, formação e consolidação da personalidade. Piaget (2010, p.13), ressalta:

Da mesma maneira que um corpo está em evolução até atingir um nível relativamente estável - caracterizado pela conclusão do crescimento e pela maturidade dos órgãos também a vida mental pode ser concebida como evoluindo na direção de uma forma de equilíbrio final, representada pelo espírito adulto.

O desenvolvimento da personalidade, configura-se como um processo contínuo, que passa por reorganizações e aprimoramentos, das estruturas cognitivas e emocionais. Nesse sentido, nota-se que:

O desenvolvimento, portanto, é uma equilibração progressiva, uma passagem contínua de um estado de menor equilíbrio para um estado de equilíbrio superior. Do ponto de vista da inteligência, é fácil se opor a instabilidade e incoerência relativas das ideias infantis à sistematização de raciocínio do adulto (Piaget, 2010, p. 13).

Na primeira infância, busca-se reconhecer os fatores psicológicos, biológicos, cognitivos, afetivos e sociais. Tendo pesquisas que afirmam que a criança desde a gestação da mãe já começa a desenvolver traços de sua personalidade, como ressalta Papalia e Feldman (2013, p. 108):

O feto, pesando agora entre 300 e 500 gramas e medindo em torno de 30 centímetros, começa a mostrar sinais de personalidade individual. Ele já tem padrões definidos de sono e vigília, tem uma posição favorita no útero e torna-se mais ativo — chuta, contorce-se, estica-se e até soluça.

Sendo que é na primeira infância, nos primeiros meses de vida da criança que começam a aparecer suas expressões emocionais, as autoras Papalia e Feldman (2013), que por sua vez se baseia nos estudos de Izard e Malateste (1987), Mascolo e Fischer (1995) e Sroufe (1996). Desse modo, trazem a seguinte tabela para apresentar, de uma forma resumida, como está o pensamento atual sobre a idade em que várias expressões importantes aparecem (Quadro 2).

Quadro 2 - O aparecimento de expressões emocionais na infância

Idade	Emoção expressada	Exemplos de estímulos que ativam esta expressão
No nascimento	Interesse	Novidade ou movimento
	Sufrimento Aversão Sorriso neonatal (um “meio-sorriso”)	Dor Substâncias ofensivas Aparece espontaneamente sem razão conhecida
3 a 6 semanas	Sorriso de prazer/social (precursor da alegria)	Voz humana aguda; bater as mãos do bebê; uma voz familiar, um rosto inclinado em cumprimento
2 a 3 meses	Tristeza	Procedimento médico doloroso
7 meses	Cautela (precursor do medo) Frustração (precursor da raiva) Surpresa Medo Raiva Alegria	O rosto de um estranho Ser restringido; ser impedido de realizar alguma ação estabelecida Caixa de surpresas Novidade extema; altura (tal como a experiência do abismo visual) Falha ou interrupção de alguma ação, tal como tentar pegar uma bola que rolou para baixo de um sofá. Resposta imediata a uma experiência com significado positivo, como a chegada do cuidador ou um jogo de esconde-esconde.

Fonte: Adaptado de Izard e Malateste (1987 **apud** PAPALIA; FELDMAN, 2013), Mascolo e Fischer (1995 **apud** PAPALIA; FELDMAN, 2013) e Sroufe (1996 **apud** PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Diante a isso, é possível observar que a formação do ser é marcada por um processo gradual de desenvolvimento emocional que se constrói nas interações com o meio e com os outros. As emoções constituem uma dimensão fundamental da formação da criança, pois elas são suas primeiras formas de comunicação, adaptação e relação com o ambiente, sendo esse processo essencial para reconhecer que a constituição do ser humano envolve aspectos biológicos, afetivos, cognitivos e sociais, os quais se articulam continuamente na construção de sua subjetividade e de sua inserção no mundo.

Mesmo compartilhando características gerais do desenvolvimento humano, os bebês já manifestam modos particulares em relação a como reagir ao mundo. Como afirmam Papalia e Feldman (2013, p. 208), “embora os bebês apresentem os mesmos padrões de desenvolvimento, cada um deles, desde o início, exibe uma personalidade distinta: a combinação relativamente coerente de emoções, temperamento, pensamento e comportamento é que torna cada pessoa única”.

Na última década, surgiu um consenso sobre certos princípios sobre a estruturação da personalidade, que segundo Bee e Boyd (2011, p. 255) seriam:

O primeiro é que o temperamento do bebê dá uma enorme contribuição para a futura personalidade. O segundo princípio é que cinco dimensões básicas surgem como o centro da personalidade de um indivíduo durante a primeira infância e a meninice, e as formas como essas dimensões são manifestadas na vida de um indivíduo são razoavelmente estáveis entre a adolescência e a idade adulta.

Nesse viés, Bee e Boyd (2011) falam sobre os cinco traços da personalidade (Quadro 3), os quais são fundamentado nos estudos de Caspi (1998), John et al. (1994) e McCrae e Costa (1994), levando em conta que o temperamento e o meio são a base para a futura personalidade, sendo importante destacar que o desenvolvimento da personalidade não se limita apenas às predisposições internas ou as características individuais. Portanto, segue a tabela criada pelas autoras.

Quadro 3 - Os cinco traços da personalidade

Traço	Aspecto(s) básico(s)	Qualidades de indivíduos com escores altos no traço
Extroversão	O grau com que uma pessoa se envolve ativamente no mundo versus evita experiências sociais	Ativo, assertivo, entusiasmado, expansivo, falador

Sociabilidade	O grau com que as interações interpessoais de uma pessoa são caracterizadas por cordialidade e compaixão versus antagonismo	Afetuosos, magnânimos, generosos, bons, simpáticos, confiáveis
Abertura/Intelecto	Reflete profundidade, complexidade e qualidade de vida mental e experiencial de uma pessoa	Artístico, curioso, imaginativo, perspicaz, original, tem interesses amplos
Escrupulosidade	O grau é a força do controle do impulso de uma pessoa	Eficiente, organizado, planejador, confiável, responsivo, meticuloso, capaz de adiar gratificação em favor de metas mais distantes
Neuroticismo; também chamado (ins/es) tabilidade emocional	O grau com que uma pessoa experimenta o mundo como angustiante ou ameaçador	Ansioso, autocompassivo, tenso, melindroso, instável, preocupado

Fonte: Adaptado de Caspi (1998, p. 316 apud BEE; BOYD, 2011), John et al. (1994 apud BEE; BOYD, 2011) e McCrae e Costa (1994 apud BEE; BOYD, 2011).

Ao analisar os cinco grandes traços da personalidade, é perceptível que tais dimensões não surgem isoladamente. As autoras enfatizam que o temperamento é entendido como o conjunto de predisposições inatas e o meio, as quais são compostas pelas experiências, relações e contexto sociocultural, constituindo a base sobre a qual a personalidade futura irá se estruturar. Por conseguinte, as autoras Bee e Boyd (2011, p. 263) enfatizam que “[...] a criança nasce com certas tendências comportamentais, mas sua eventual personalidade depende das transações entre suas características iniciais e suas respostas a seu ambiente”. O desenvolvimento da personalidade é compreendido como um processo contínuo, o qual é composto por fatores internos e externos.

Neste mesmo viés, Winnicott (1983), fala sobre o conceito de “mãe suficientemente boa”, a qual ressalta que o cuidado sensível e responsável do adulto permite que a criança desenvolva um sentimento de continuidade do ser, segundo ele “é através da relação com o ambiente facilitador que o bebê pode se integrar e amadurecer emocionalmente”. Quando esse ambiente é acolhedor e estável, a criança desenvolve confiança e autoestima, já quando o ambiente é instável, tendem a surgir inseguranças na criança e dificuldades na constituição do self.

Trinca (2007) complementa essa compreensão ao afirmar que o self contém elementos estruturantes da personalidade, embora o “ser interior” represente o núcleo da existência subjetiva do indivíduo, atuando como protagonista no processo de formação psíquica.

Tendo teorias da psicogênese do desenvolvimento, como as de Wallon, Piaget e Vygotsky, que acrescentam que a personalidade não se constitui apenas por traços individuais, mas sim por processos que estão inteiramente ligados a afetividade, a inteligência, a linguagem e ao contexto social que o ser está inserido, evidenciando que o sujeito se forma na relação com o outro e com a cultura a qual está inserido (La Taille; Oliveira; Dantas, 2019).

O desenvolvimento emocional da criança se configura como um processo dinâmico e contínuo, “[...] surge, em síntese, como sucessão de três grandes construções, cada uma das quais prolonga a anterior, reconstruindo-a primeiro num plano novo para ultrapassá-la em seguida, cada vez mais amplamente” (Piaget; Inhelder, p. 135, 2012). Nessa mesma perspectiva, fica claro que o desenvolvimento infantil ocorre por meio de transformações qualitativas que integram e superam estágios anteriores. Como explicitado anteriormente, os autores Piaget e Inhelder (p. 135, 2012) ressaltam:

Isto já é verdadeiro em relação à primeira, pois a construção dos esquemas sensório-motores prolonga e ultrapassa a das estruturas orgânicas no curso da embriogenia. Depois a construção das relações semióticas, do pensamento e das conexões interindividuais interioriza os esquemas de ação, reconstruindo-os no novo plano da representação e ultrapassa-os, até constituir o conjunto das operações concretas e das estruturas de cooperação.

Nesse contexto, é evidenciável que o desenvolvimento emocional e cognitivo da criança não ocorre de maneira totalmente isolada, mas articulada a processos mais amplos de construção do conhecimento e das relações sociais. As experiências iniciais, vinculadas às ações sensório-motoras, são progressivamente internalizadas, dando origem a formas mais complexas de pensamento e interação. A criança passa a organizar suas emoções e compreensões a partir de estruturas cada vez mais elaboradas, evidenciando o caráter evolutivo, integrado e socialmente mediado do desenvolvimento.

Para tratar-se desde o início, pode se levar em consideração que tais processos de construção emocional e cognitiva estão relacionados às primeiras experiências de vínculo e interação da criança, podendo ser evidenciável na teoria que John Bowlby realizou, a chamada Teoria do Apego, a qual foi elaborada a partir de análise de crianças que foram separadas dos pais na Segunda Guerra Mundial, e que apresentavam alguns comportamentos como a angústia e problemas emocionais que vinham por conta dessa separação. Adorian *et al.*, (2024) ressaltaram em sua pesquisa sobre a teoria, que:

Achados o levaram a explorar mais profundamente a natureza do vínculo emocional entre pais e filhos, resultando no desenvolvimento de sua teoria do apego, que destaca a relevância desse laço para o crescimento emocional e social das crianças. Assim, as observações de Bowlby sobre crianças que haviam sido afastadas de seus pais durante a guerra foram fundamentais para a formulação de sua teoria do apego, refletindo a importância desse vínculo no contexto do desenvolvimento infantil.

A partir da concepção, a interação entre a mãe e seu bebê é entendida como um processo contínuo que se prolonga pelos primeiros anos de vida da criança. Estudos ao longo do tempo têm destacado a importância de compreender essa dinâmica para prever como se formarão as relações sociais ao longo do desenvolvimento futuro da criança.

Pode se ter bem claro que a figura familiar é de suma importância no processo de desenvolvimento do bebê/criança, o que acarretará na formação dela futuramente, enquanto indivíduo, sendo ela a base fundamental do desenvolvimento emocional e a forma como a criança irá futuramente lidar com o mundo e suas próprias emoções.

O desenvolvimento emocional na primeira infância assume papel fundamental para a formação integral da criança. Conforme destacam Helen Bee e Denise Boyd, “os vínculos estabelecidos entre a criança e seus cuidadores primários são a base de toda relação afetiva futura” (Bee; Boyd, 2011, p. 61). Dessa forma, é a partir dessas primeiras relações que se constituem elementos essenciais para o equilíbrio emocional e para a construção da confiança nas interações sociais.

Nessa mesma perspectiva, Wallon (2012, p. 43) afirma que “o desenvolvimento da pessoa ocorre como uma construção progressiva, em que se sucedem fases com predominância alternadamente afetiva e cognitiva”, evidenciando que os aspectos emocionais e cognitivos se articulam de maneira dinâmica no processo de formação do sujeito, tendo em vista que na perspectiva walloniana existem cinco estágios, dado que segundo Wallon (2012, p. 44) se tem o estágio do personalismo, o qual:

Cobre a faixa dos três aos seis anos, a tarefa central é o processo de formação da personalidade. A construção da consciência de si, que se dá por meio das interações sociais, re-orienta o interesse da criança para as pessoas, definindo o retorno da predominância das relações afetivas.

Os autores enfatizam que a formação da personalidade da primeira infância ocorre desde muito pequenos, pois não são apenas os fatores internos que influenciam nesse processo de formação, mas sim todas as diferentes intervenções do desenvolvimento da criança, pois ela vai se consolidando com o passar do tempo, passando diferentes mudanças, como traz Gratiot-Alfandéry (2010, p. 34, 2010):

A teoria psicogenética do desenvolvimento da personalidade de Henri Wallon integra a afetividade e a inteligência. Sempre destacando que essa dinâmica é

marcada por rupturas e sobreposições, elucida que ela acontece por meio do mecanismo de 'alternâncias funcionais', esclarecendo que as mudanças de fases não se dão por sucessão linear, como compreende, por exemplo, Piaget.

Destarte, a construção da personalidade na primeira infância não ocorre por sucessão linear, mas por alternâncias que organizam a sua construção. Tendo em vista que é um processo contínuo e relacional, que vai se construindo e consolidando a partir de vínculos afetivos, trocas sociais, diferentes mediações culturais e das experiências, as quais a criança presencia em seu cotidiano. Saber e entender sobre essa etapa como uma das bases estruturantes do desenvolvimento infantil e humano permite reconhecer a importância de oferecer às crianças ambientes acolhedores, afetivos e seguros, socialmente estimulantes e culturalmente significativos, assegurando assim condições para que a criança se desenvolva de forma integral, que ocorra o desenvolvimento de sua identidade, autonomia e capacidade de se relacionar com o mundo a sua volta.

Diante dessas considerações, é possível observar que a constituição da personalidade na primeira infância ocorre por meio de um processo dinâmico e contínuo, onde se constituem aspectos biológicos, afetivos, cognitivos e sociais. As contribuições de Jean Piaget (2010), Wallon (2012) e Lev Vygotsky (2015) permitem elucidar que o desenvolvimento infantil se constrói nas interações estabelecidas com o meio social e cultural, sendo os vínculos afetivos e as experiências relacionais elementos fundamentais nesse processo.

Nesse contexto, destaca-se a relevância da família como o primeiro espaço de socialização e de construção de vínculos, exercendo influência significativa na formação emocional e na organização da personalidade da criança. Portanto, o capítulo seguinte abordará a influência da família no desenvolvimento da personalidade, buscando compreender de que forma as relações familiares contribuem para esse processo formativo na primeira infância.

2.3 A CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

A construção do desenvolvimento da personalidade resulta das interações dinâmicas entre aspectos internos do indivíduo e as influências do ambiente externo, sendo fundamental reconhecer que, conforme afirma Palangana (2019) de Teorias Psicogenéticas em Discussão, o “funcionamento psicológico evidenciam a forte ligação entre os processos psicológicos humanos e a inserção do indivíduo num contexto sócio-histórico específico”. O desenvolvimento, portanto, não se constitui de maneira isolada ou espontânea, mas resulta das

experiências vividas e das relações construídas ao longo do tempo. Conforme afirma La Taille, Oliveira e Dantas (2019, p. 34), “toda a aprendizagem consiste na formação de conexões temporais, uma vez que o desenvolvimento se produz mediante a consolidação dessas conexões”. Os autores (p. 35, 2019), ressaltam ainda que:

O funcionamento do cérebro humano fundamenta-se em sua ideia de que as funções psicológicas superiores são construídas ao longo da história social do homem. Na sua relação com o mundo, mediada pelos instrumentos e símbolos desenvolvidos culturalmente, o ser humano cria as formas de ação que o distinguem de outros animais. Sendo assim, a compreensão do desenvolvimento psicológico não pode ser buscada em propriedades naturais do sistema nervoso. Vygotsky rejeitou, portanto, a ideia de funções mentais fixas e imutáveis, trabalhando com a noção do cérebro como um sistema aberto, de grande plasticidade, cuja, estrutura e cujos modos de funcionamento são moldados ao longo da história da espécie e do desenvolvimento individual.

Consolida-se que a personalidade infantil vai se constituindo com o passar do tempo, adquirindo diferentes traços, os quais retira do meio onde ela está inserida. Para Wallon (2012, p. 43):

O desenvolvimento da pessoa como uma construção progressiva em que se sucedem fases com predominância alternadamente afetiva e cognitiva. Cada fase tem um colorido próprio, uma unidade solidária, que é dada pelo predomínio de um tipo de atividade. As atividades predominantes correspondem aos recursos que a criança dispõe, no momento, para interagir com o ambiente.

Nesse cenário, o primeiro núcleo onde a personalidade infantil começa a consolidar-se é a família, sendo ela vista como “um dos primeiros contextos de socialização dos indivíduos, possuindo papel fundamental para o entendimento do processo de desenvolvimento humano” (Dessen; Costa, 2005, p.113). Diante disso, a família não se configura apenas como um agrupamento de indivíduos, mas sim como um sistema dinâmico de relações, visto que a família “é um sistema complexo, composto por subsistemas integrados e interdependentes, que estabelece uma relação bidirecional e de mútua influência com o contexto sócio-histórico-cultural no qual está inserida” (Dessen; Costa, 2005, p.113). As interações estabelecidas nesse contexto exercem influência significativa na constituição da personalidade e no desenvolvimento emocional e social da criança. Conforme ressaltam Dessen e Costa (2005, p. 114), que a compreensão da família pode ser ampliada a partir das seguintes perspectivas:

De acordo com a teoria sistêmica, os sistemas vivos, tais como a família, são regidos por alguns princípios básicos, dentre eles: (a) o sistema é um todo organizado; (b) os padrões, em um sistema, são circulares e não lineares, ou seja, há influência mútua e bidirecionalidade entre os seus componentes; (c) os sistemas vivos são abertos, isto é, estabelecem trocas com o ambiente externo que, por sua vez, provocam transformações no sistema, além de possuírem elementos homeostáticos e

mecanismos de reequilíbrio que mantêm a estabilidade de seus padrões, e (d) os sistemas também são complexos, isto é, compostos por subsistemas interdependentes.

Torna-se possível perceber que as dinâmicas familiares se configuram como processos interativos e mutáveis, “considerada como um todo, um grupo que tem uma estrutura, uma dinâmica e uma função, cujas relações entre os seus membros tende ao equilíbrio e são reguladas pelos princípios de retroalimentação” (Dessen; Costa, 2005, p.115), que influenciam diretamente o desenvolvimento da criança e a constituição de sua personalidade.

Alguns fatores como traços de personalidade, aspectos físicos e condições individuais se articulam com elementos sociais, históricos e culturais, contribuindo para a formação e para as mudanças que marcam o percurso de desenvolvimento de cada indivíduo. Dessen e Costa (2005, p. 113), destacam que

o desenvolvimento humano, por sua vez, também é um fenômeno complexo, pois compreende um processo de transformação que ocorre ao longo do tempo, sendo multideterminado tanto por fatores próprios dos indivíduos (traços de personalidade, características físicas) quanto por aspectos mais amplos do contexto social no qual eles estão inseridos.

Destaca-se também o desenvolvimento social, psicológico e intelectual da criança. Logo, começam a emergir traços importantes no processo de constituição do sujeito, em que “no desenvolvimento da pessoa, a inteligência ocupa o lugar de meio, de instrumento colocando à disposição da ampliação” (La Taille; Oliveira; Dantas, 2019, p. 64). É nessa primeira etapa do desenvolvimento infantil que “dominam as relações emocionais com o ambiente e o acabamento da embriogênese: trata-se nitidamente de uma fase de construção do sujeito, em que o trabalho cognitivo está latente e ainda indiferenciado da atividade afetiva” (La Taille; Oliveira; Dantas, 2019, p. 64).

Galvão (2012, p. 50) aprofunda essa compreensão ao afirmar que:

O estado inicial da consciência pode ser comparado a uma nebulosa, uma massa difusa, na qual confundem-se o próprio sujeito e a realidade exterior. O recém-nascido não se percebe como indivíduo diferenciado. Num estado de simbiose afetiva com o meio, parece misturar-se à sensibilidade ambiente e, a todo instante, repercutir em suas reações, as de seu meio. A distinção entre o eu e o outro só se adquire progressivamente, num processo que se faz nas e pelas interações sociais. Até que a criança saiba identificar sua personalidade e a dos outros, correspondendo a primeira ao eu e as segundas à categoria do não-eu, encontra-se num estado de dispersão e indiferenciação, percebendo-se como que fundida ao outro e aderida às situações e circunstâncias. Portanto, o sentido do processo de socialização é de crescente individuação.

Essa perspectiva enfatiza sobre a diferenciação do “eu” e do “outro” sendo um ponto importante no processo gradual, e presente na formação da personalidade da

criança, sendo profundamente dependente das interações sociais e emocionais. Galvão (2012, p. 51) também enfatiza:

A construção do eu corporal é condição para a construção do eu psíquico, tarefa central do estágio personalista. No período anterior à apropriação da consciência de si, a criança encontra-se num estado de sociabilidade sincrética. O adjetivo sincrético é utilizado para designar as misturas e confusões a que está submetida a personalidade infantil. Indiferenciada, a criança percebe-se como que fundida nos objetos ou nas situações familiares, mistura a sua personalidade à dos outros, e a destes entre si.

Para Wallon (2010), o desenvolvimento da criança não ocorre de forma linear ou contínua, mas sim por meio de rupturas necessárias, as quais ele chama de “crises”, que possibilitam a passagem de um estágio a outro. Essas crises não devem ser vistas como retrocessos, mas como momentos fundamentais de reorganização interna, nos quais a criança, ao articular as experiências já vividas e os recursos adquiridos, constrói novas formas de relação consigo mesma e com o meio, avançando em seu processo de individuação e autonomização. Nesse sentido, cada fase do desenvolvimento traz desafios específicos que exigem do sujeito um reposicionamento frente às suas emoções, ações e vínculos sociais, que segundo Wallon (2010, p. 40):

[...] as passagens de um momento a outro do processo de desenvolvimento: a criança passará por diferentes fases, cuja superação se dará por meio da vivência de uma ruptura, ou, nas palavras do autor, de uma crise. Nesse sentido, para Wallon, esse momento de ruptura é de fundamental importância e deve ser valorizado, uma vez que, tendo acumulado experiências e desenvolvido outros recursos, em determinado momento o sujeito necessita haver-se com essas coisas para garantir seu processo de individuação e autonomização.

Os fatores que influenciam e contribuem para o desenvolvimento da personalidade na primeira infância envolvem dimensões biológicas, afetivas, sociais, culturais e históricas, que se articulam de maneira complexa e contínua ao longo do processo de desenvolvimento. A concepção psicogenética compreende que o sujeito se constitui na relação com o meio, sendo justamente essa dinâmica relacional que, progressivamente, participa da construção de sua personalidade. Esse processo ocorre por meio de um movimento dialético entre a abertura ao mundo e a elaboração interna das experiências vividas. Conforme destaca Wallon (2010, p. 41):

Para que uma nova e autônoma personalidade se forme, são necessários, portanto, a alternância entre momentos de ênfase no exterior, na experimentação e nos vínculos com outras pessoas; e momentos de maior interiorização e ‘ensimesmamento’, para que a criança elabore, incorporando, os processos de constituição de si mesma.

O desenvolvimento da personalidade na primeira infância configura-se como um processo histórico, relacional e dinâmico, construído a partir da interação constante entre os aspectos biológicos da criança, e as múltiplas mediações sociais, culturais e afetivas presentes em seu contexto de vida. As contribuições da perspectiva psicogenética, especialmente nos estudos de Wallon (2012) e Vygotsky (2015), evidencia-se que a criança não é um ser passivo em seu desenvolvimento, mas protagonista de seu percurso marcado por vivências, atividades, crises e reorganizações internas que possibilitam a construção progressiva do “eu”.

As interações sociais, as experiências corporais e emocionais, bem como as condições reais de vida, assumem papel central na constituição da personalidade infantil, reafirmando a importância de contextos educativos e sociais que reconheçam a criança em sua totalidade, respeitando seus tempos, singularidades e potencialidades. Compreender os fatores que influenciam o desenvolvimento da personalidade torna-se fundamental para práticas pedagógicas e educativas mais conscientes, humanizadas e comprometidas com o desenvolvimento do ser integral da criança. Torna-se evidente que o desenvolvimento da personalidade na primeira infância constitui um processo complexo e dinâmico, resultante da interação contínua entre os aspectos biológicos da criança, suas experiências afetivas e as influências sociais e culturais presentes em seu contexto de vida.

As contribuições teóricas apresentadas, especialmente nas perspectivas de Wallon (2012), Vygotsky (2015) e demais autores discutidos, reforçam a compreensão de que a constituição do sujeito ocorre por meio das relações que a criança estabelece com o meio, nas quais as emoções, experiências corporais, vínculos sociais e processos cognitivos se articulam de maneira integrada. A criança deve ser compreendida como um sujeito ativo em seu processo de desenvolvimento, que constrói gradativamente sua personalidade a partir das vivências, das interações e das mediações culturais e sociais que permeiam seu cotidiano.

Reconhecer os múltiplos fatores que participam da constituição da personalidade infantil permite ampliar o olhar sobre o desenvolvimento humano, compreendendo-o como um processo histórico, social e relacional. Essa compreensão também evidencia a importância de contextos sociais que favoreçam experiências significativas, relações afetivas e oportunidades de aprendizagem que contribuam para o desenvolvimento integral da criança. Considerando a relevância dos espaços educativos na constituição do sujeito, sendo que a contribuição da Educação Infantil para o desenvolvimento da criança, busca elucidar de que maneira as práticas pedagógicas, as interações e as experiências vivenciadas nesse contexto colaboram para o desenvolvimento cognitivo, social, emocional e cultural da criança.

Investigar como ocorre a contribuição da Educação Infantil para o desenvolvimento das crianças, acarreta inicialmente, em reconhecer a relação existente entre os processos de desenvolvimento e aprendizagem, visto que “a análise da relação entre desenvolvimento e aprendizagem, antes de ser de cunho psicológico, é de natureza epistemológica” (Palangana, 2015, p. 74), sendo ela vinculada às relações do sujeito e o objeto do conhecimento. Tendo em vista que, ao longo dos estudos da psicologia e da educação, são existentes diferentes teorias que buscam explicar como o ser humano se desenvolve, fisicamente e emocionalmente, e como aprende, vale aqui ressaltar que esses processos não ocorrem de maneira isolada, mas sim mutuamente, uma vez que “o crescimento mental não se pode dissociar do crescimento físico, notadamente da maturação dos sistemas nervoso e endócrino, que se estende até cerca dos 16 anos” (Piaget; Inhelder, 2012, p. 07). O desenvolvimento humano deve ser percebido como um processo dinâmico e gradual, marcado por transformações que ocorrem ao longo do tempo, pois “todo desenvolvimento é um processo de mudança contínua, às vezes rápida e evidente, às vezes lenta e difícil de ver.” (Sylva; Lunt, 1997, p. 101).

Além disso, esse processo não ocorre de maneira aleatória, mas segue uma organização própria ao longo da vida. Segundo Sylva e Lunt (1997, p. 101) “a mudança, no desenvolvimento, não procede a esmo, mas de modo ordenado, e ao longo de toda a vida”. Na verdade, a infância é apenas um estágio dentro de um ciclo vital de desenvolvimento que culmina com a velhice e a morte. Entender o desenvolvimento infantil requer reconhecer que a infância constitui uma etapa fundamental desse percurso, na qual se estruturam bases importantes para as aprendizagens e para a constituição do sujeito em suas dimensões cognitivas, afetivas e sociais.

Posto isso, o desenvolvimento envolve transformações progressivas nas dimensões cognitivas, afetivas, sociais e culturais do indivíduo, enquanto a aprendizagem representa um dos principais meios pelos quais tais transformações se concretizam. Portanto, torna-se fundamental avaliar como os contextos educativos, especialmente na primeira infância, podem favorecer experiências que contribuam para o desenvolvimento integral da criança. Como ressalta Palangana (2015, p.74) “a relação entre desenvolvimento e aprendizagem está presente, ainda que de forma implícita, em todas as diferentes teorias psicológicas que se ocupam em estudar o comportamento, o pensamento ou o psiquismo humano”. Ao considerar essa relação indissociável, a Educação Infantil assume um papel essencial ao proporcionar condições, interações e experiências que favoreçam o desenvolvimento pleno da criança em seus diferentes aspectos.

A Educação Infantil ocupa um papel fundamental no processo de desenvolvimento da criança, especialmente por constituir um dos primeiros espaços sociais de convivência, interação, aprendizagem e construção de conhecimentos fora do ambiente familiar. As experiências vivenciadas pela criança nesse ambiente contribuem significativamente para o desenvolvimento de suas capacidades cognitivas, afetivas, sociais e culturais, favorecendo a ampliação de suas formas de interação com o mundo. Nessa perspectiva, o desenvolvimento humano ocorre a partir das relações estabelecidas com o meio social e cultural, sendo mediado pelas experiências e pelos significados compartilhados nas interações cotidianas. Conforme destacam Nunes e Silveira, (2011, p. 104):

[...] o desenvolvimento do sujeito, desde o início da vida, ocorre em virtude de um processo de apropriação que ele realiza dos significados culturais que o circundam, o que o faz ascender a uma condição eminentemente humana, de ser de linguagem, consciência e atividade, transformando-se de biológico em sócio-histórico.

A Educação Infantil é um espaço privilegiado de mediação cultural, no qual a criança amplia suas experiências, constrói conhecimentos e desenvolve progressivamente sua participação no mundo social. O processo de aprendizagem na infância deve ser compreendido como uma experiência ativa e dinâmica, na qual a criança participa de maneira significativa na construção de seus conhecimentos. A aprendizagem não se limita à simples aquisição de informações, mas envolve transformações que atingem diferentes dimensões do desenvolvimento humano, incluindo aspectos cognitivos, emocionais e sociais. Ao interagir com o meio, explorar o ambiente e estabelecer relações com outras pessoas, a criança reorganiza continuamente suas percepções, compreensões e modos de agir no mundo. Nunes e Silveira (2011, p. 71) destacam que:

A aprendizagem resulta, então, da reorganização da percepção ou da personalidade como um todo, sendo o indivíduo, um ser ativo. Processos cerebrais centrais, como por exemplo, o pensamento, a linguagem e a memória são vistas como essenciais para aquisição e manutenção do comportamento aprendido.

A aprendizagem configura-se como um processo integrado ao desenvolvimento da criança, no qual diferentes funções psicológicas se articulam, possibilitando a construção progressiva de conhecimentos e de novas formas de interação com o meio.

Segundo Montessori (1965, p. 92), “tudo o que se ensina deve estar ligado à vida; não se devem suprimir, contudo, dirigindo-os um a um, os gestos que as crianças aprenderam a realizar e enquadrar na prática da vida”. A autora defende que a educação deve respeitar as potencialidades naturais da criança, possibilitando que ela se desenvolva a partir de suas próprias experiências e interesses, “pois educar significa ensinar intelectualmente, para só

depois chegar à execução” (Montessori, 1965, p. 100). Para a autora, a criança possui uma tendência espontânea para aprender, sendo papel da educação criar condições que favoreçam esse processo. Ainda, Montessori (1965, p. 45) afirma que “a criança é o verdadeiro construtor do homem, e não existe homem que não tenha sido formado pela criança que foi um dia.” A autora destaca a importância do ambiente educativo como elemento fundamental para o desenvolvimento infantil.

Segundo Montessori (1965), o espaço escolar deve ser cuidadosamente organizado de modo a favorecer a autonomia, a exploração e a liberdade de ação da criança. Nesse contexto, os materiais pedagógicos e a organização do ambiente têm a função de estimular a curiosidade, a investigação e o desenvolvimento das capacidades cognitivas e sensoriais. Conforme destaca Montessori (1965, p. 68), “o ambiente deve ser preparado de modo que a criança possa agir livremente, desenvolvendo suas próprias atividades”. A autora enfatiza que:

Seria ainda prematuro dizer; deixai as crianças em liberdade; deixai-as correr lá fora sob a chuva, tirar os sapatos e pular nas poças d'água; pisar, descalças, a relva úmida dos prados; que elas possam descansar tranquilamente sob a sombra acolhedora de uma árvore, gritar e rir à tépida luz de um sol nascente que acorda todos os seres vivos que têm seu dia dividido entre a vigília e o sono.

Nós, pelo contrário, ficamos a imaginar mil modos para fazer a criança adormecer após a aurora, esforçando-nos por convencê-la a não tirar os sapatos e correr pelo gramado. E é assim que, diminuída por nós, irritada em sua prisão, a criança começa a matar insetos e outros animaizinhos inofensivos; e achamos tudo muito "natural", sem nos aperceber de que essa almazinha já se está tornando uma estranha face à natureza. Tudo o que desejamos é que ela se adapte o melhor possível à prisão sem sentir-lhe o fastio.

As energias musculares das crianças, mesmo das menores, estão bem acima de nossas suposições: é preciso libertar sua natureza, para que ela possa revelar-se (Montessori, 1965, p. 67).

Montessori (1965) evidencia a importância de respeitar a natureza da criança e suas necessidades de movimento, exploração e contato com o ambiente. Ao destacar que muitas vezes os adultos restringem as experiências infantis em nome de uma organização excessiva da rotina, a autora chama atenção para o fato de que tais limitações podem interferir no desenvolvimento espontâneo da criança. A liberdade de movimento e a possibilidade de explorar o ambiente tornam-se elementos fundamentais para que a criança desenvolva suas capacidades físicas, sensoriais e cognitivas.

A partir dessa perspectiva, o movimento e a exploração não são apenas formas de brincadeira, mas constituem meios essenciais de aprendizagem e desenvolvimento na infância. Quando a criança tem a oportunidade de correr, pular, tocar, observar e experimentar diferentes elementos do ambiente, ela amplia suas percepções, desenvolve sua curiosidade e estabelece relações significativas com o mundo ao seu redor. Logo, o contato com a natureza

e a liberdade de ação favorecem experiências que contribuem para o desenvolvimento integral da criança.

Conforme propõe Montessori (1965), o processo educativo deve considerar a criança como sujeito ativo, capaz de aprender por meio da experiência, da exploração e da interação com o meio. No contexto da Educação Infantil, isso implica a organização de práticas pedagógicas que valorizem o movimento, a descoberta e a autonomia, possibilitando que a criança vivencie experiências significativas que favoreçam seu desenvolvimento físico, emocional, social e cognitivo.

Além das contribuições apresentadas por Montessori (1965), é importante ressaltar que o desenvolvimento infantil também está profundamente relacionado às interações sociais e às experiências de brincadeira vivenciadas pelas crianças no contexto da Educação Infantil. O espaço educativo deve ser organizado de modo a favorecer relações significativas entre crianças e adultos, possibilitando a construção coletiva de conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais.

A convivência com outras crianças possibilita o aprendizado de diferentes formas de comunicação, cooperação e resolução de conflitos, aspectos fundamentais para o desenvolvimento social e emocional. Ao interagir com outras crianças, ela amplia suas experiências, aprende a compartilhar, negociar e compreender diferentes pontos de vista, desenvolvendo gradativamente sua participação no grupo social.

Diante disso, a brincadeira assume um papel central no processo de aprendizagem e desenvolvimento na infância. Por meio do brincar, a criança expressa sentimentos, experimenta papéis sociais, desenvolve a imaginação e constrói significados sobre o mundo que a cerca. A brincadeira, portanto, não deve ser compreendida apenas como um momento de entretenimento, mas como uma atividade essencial para o desenvolvimento integral da criança.

Para Fröbel (2001), o brincar constitui uma atividade relevante para o desenvolvimento da criança, pois possibilita a expressão de suas experiências, sentimentos e percepções sobre o mundo. O autor afirma que “a brincadeira é a mais alta expressão do desenvolvimento humano na infância, pois somente ela é a expressão livre do que está na alma da criança” (Fröbel, 2001, p. 55). O autor nos mostra que a criança aprende e se desenvolve ao interagir com o ambiente, explorando objetos, estabelecendo relações e participando de atividades que estimulam sua criatividade e imaginação.

Fröbel (2001, p. 60) destaca que “a criança deve ser conduzida à atividade livre e espontânea, pois é por meio dela que se manifesta sua natureza interior e seu

desenvolvimento”. O autor também enfatiza sobre o ambiente educativo, que deve oferecer condições para que as crianças possam brincar, explorar e interagir entre si, pois tais experiências contribuem para o desenvolvimento de habilidades sociais e cognitivas. Conforme ressalta Fröbel (2001, p. 62), “a atividade infantil, especialmente o brincar, revela a vida interior da criança e constitui o fundamento de sua educação.” À vista disso, as contribuições de Fröbel (2001) reforçam a importância de práticas pedagógicas que valorizem a brincadeira, a interação e a atividade espontânea da criança. No contexto da Educação Infantil, essas experiências possibilitam o desenvolvimento da criatividade, da autonomia e das relações sociais, contribuindo para a formação integral do ser criança.

As duas concepções evidenciam a importância das convergências acerca do papel da educação na infância e das experiências que favorecem o desenvolvimento infantil. Ambos os autores reconhecem a criança como sujeito ativo no processo de aprendizagem, enfatizando a importância da liberdade, da atividade espontânea e da interação com o ambiente para o desenvolvimento integral. Ao integrar tais contribuições, a Educação Infantil fortalece práticas pedagógicas que reconhecem a criança como protagonista de seu processo de aprendizagem, favorecendo experiências significativas que contribuem para sua formação integral.

É importante ressaltar que as experiências vivenciadas pelas crianças na Educação Infantil não se restringem apenas ao brincar espontâneo, mas envolvem um conjunto de práticas pedagógicas intencionalmente organizadas pelos educadores, visto que “o processo de desenvolvimento implica, portanto, momentos de estabilidade e caos, continuidade e descontinuidade, movimento e estruturação” (Dessen; Costa, 2005, p. 113). Essas práticas devem considerar as necessidades, os interesses e as características próprias da infância, promovendo situações que estimulem a curiosidade, a investigação e a participação ativa das crianças no processo de aprendizagem.

O papel do educador na Educação Infantil ultrapassa a simples transmissão de conhecimentos, assumindo a função de mediador das experiências e das interações que ocorrem no cotidiano escolar. Ao observar atentamente as ações, as brincadeiras e as manifestações das crianças, o professor pode planejar situações educativas que ampliem suas possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento, como ressaltam Nunes e Silveira (2011, p. 105).

Por meio de atividade em processos de interação com o ambiente social, as funções psicológicas vão se transformando, evoluindo, ocorrendo um gradativo domínio dos significados culturais, e um avanço dos modos de raciocínio realizados pelo sujeito.

Neste sentido, o desenvolvimento psicológico vai do plano intrapsíquico para o intrapsíquico.

A organização dos espaços, dos materiais e das atividades pedagógicas torna-se um elemento essencial para favorecer experiências significativas na construção e desenvolvimento da criança na infância.

As interações estabelecidas no ambiente educativo contribuem para o desenvolvimento de habilidades sociais, emocionais e cognitivas. Ao conviver com outras crianças e adultos, a criança aprende a compartilhar ideias, expressar sentimentos, resolver conflitos e construir relações de cooperação e respeito. Essas experiências são fundamentais para o processo de socialização e para a construção da identidade da criança como sujeito pertencente a um grupo social.

A Educação Infantil deve ser compreendida como um espaço que valoriza a escuta das crianças, reconhecendo-as como sujeitos capazes de participar ativamente da construção de conhecimentos. Ao considerar as múltiplas formas de expressão infantil, como o brincar, o movimento, a linguagem, o desenho e as diferentes manifestações corporais, o processo educativo passa a respeitar as singularidades da infância e a promover experiências que contribuem para o desenvolvimento. Para Nunes e Silveira (2011, p.107):

Para que a criança se aproprie dos conhecimentos e avance em seu desenvolvimento, é necessário que ela utilize signos culturais, que medeiam sua relação com o meio. Os signos podem ser exemplificados por sistemas simbólicos como linguagem, símbolos algébricos, sistemas de representação gráfica por meio da escrita, de diagramas, de desenhos, de mapas, etc.

Logo, ao articular brincadeira, interação, exploração do ambiente e práticas pedagógicas intencionalmente planejadas, a Educação Infantil consolida-se como um espaço privilegiado de formação humana. Nesse contexto, as experiências vivenciadas pelas crianças contribuem não apenas para o desenvolvimento cognitivo, mas também para a construção de vínculos sociais, para o fortalecimento da autonomia e para a formação de sujeitos críticos, participativos e capazes de interagir de maneira significativa com o mundo que os cerca.

Destarte, torna-se possível analisar que a Educação Infantil desempenha um papel fundamental no processo de desenvolvimento da criança, uma vez que constitui um espaço privilegiado de experiências, interações e aprendizagens significativas. Nesse contexto, o ambiente educativo possibilita que a criança amplie suas formas de compreender o mundo, construa conhecimentos e desenvolva progressivamente suas capacidades cognitivas, sociais, emocionais e culturais.

Ao considerar as contribuições teóricas apresentadas, percebe-se que o desenvolvimento infantil não ocorre de maneira isolada, mas está profundamente relacionado às experiências vivenciadas pela criança em seu meio social e cultural. As interações estabelecidas com adultos e outras crianças, as oportunidades de brincar, explorar e expressar-se, bem como a organização intencional das práticas pedagógicas, constituem elementos essenciais para favorecer o desenvolvimento integral na infância.

A Educação Infantil deve ser compreendida como um espaço de escuta, de diálogo e de valorização das múltiplas formas de expressão da criança, promovendo experiências que favoreçam seu desenvolvimento pleno. Quando as práticas pedagógicas consideram as necessidades, os interesses e as características próprias da infância, o processo educativo torna-se mais significativo, contribuindo para a formação de sujeitos autônomos, críticos e participativos.

A partir dessas reflexões, torna-se possível avançar para a compreensão de outros elementos que também exercem influência no processo de desenvolvimento da criança. Desse modo, será abordado a fundamentação teórica que sustentou as discussões acerca do desenvolvimento da personalidade na primeira infância, torna-se necessário apresentar os procedimentos metodológicos que orientaram a realização desta pesquisa. Assim, este capítulo descreve a abordagem adotada, a natureza do estudo e o percurso metodológico utilizado para a seleção, análise e interpretação do referencial teórico, evidenciando os caminhos percorridos para a construção das reflexões propostas neste trabalho.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se por uma abordagem qualitativa e como um estudo teórico-reflexivo (revisão narrativa). Conforme define Minayo (2000), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, ou seja, aborda o mundo dos significados das ações e relações humanas. Diferente de uma revisão sistemática da literatura ou de pesquisas bibliográficas, que exigem o delineamento metodológico de buscas em repositórios de dados, com a definição de descritores e critérios rígidos de inclusão e exclusão, este formato metodológico propõe a reflexão e a articulação conceitual a partir de um referencial teórico previamente selecionado e consolidado, neste caso, nas áreas da Psicologia do Desenvolvimento e da Educação. A revisão narrativa, conforme conceituada por Rother (2007), permite a análise crítica da literatura para descrever o estado da arte de um assunto sob o ponto de vista teórico, constituindo-se basicamente da interpretação e análise crítica pessoal do pesquisador.

O percurso metodológico consistiu na leitura crítica e na reflexão interpretativa das obras e concepções de autores clássicos que fundamentam a psicogênese e o desenvolvimento humano, com destaque para Jean Piaget, Henri Wallon e Lev Vygotsky. A escolha por essa metodologia justifica-se pela necessidade de aprofundamento teórico sobre o tema em questão, permitindo a análise crítica e a articulação entre as diferentes perspectivas dos autores pré-selecionados, sem a pretensão de esgotar fontes em bases de dados.

Desse modo, o estudo se propõe a utilizar a literatura como uma lente analítica. O método adotado para a construção dos resultados e discussões baseia-se em promover um diálogo interpretativo e uma reflexão profunda a partir do referencial teórico construído nos capítulos anteriores. O objetivo foi cruzar os conceitos desses autores para elucidar a inter-relação entre os fatores biológicos, sociais e emocionais, demonstrando, no plano teórico, como as relações e os vínculos afetam a formação da personalidade na primeira infância.

No próximo capítulo serão abordados sobre os Fatores sociais, culturais e emocionais que influenciam a personalidade infantil, discutindo como as relações familiares, o contexto social, a cultura e as experiências emocionais vivenciadas pela criança contribuem para a construção de sua personalidade, identidade, de seus comportamentos e de sua forma de se relacionar com o mundo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES: FATORES SOCIAIS, CULTURAIS E EMOCIONAIS QUE INFLUENCIAM A PERSONALIDADE INFANTIL

O desenvolvimento da personalidade infantil não ocorre de maneira totalmente isolada, e não pode ser compreendido apenas a partir de aspectos individuais ou apenas biológicos. Trata-se de uma construção dinâmica que envolve a interação constante entre fatores internos do indivíduo e as influências sociais, culturais e afetivas presentes em seu contexto de vida visto que na perspectiva de Vygotsky, segundo as autoras La Taille, Oliveira e Dantas (2019, p. 34), “o ser humano se constitui como tal na sua relação com o outro social. A cultura torna-se parte da natureza humana num processo histórico que, ao longo do desenvolvimento da espécie e do indivíduo, molda o funcionamento psicológico do homem”. Trata-se de um processo amplo e complexo, que se constitui a partir das interações estabelecidas pela criança com o meio social, cultural e afetivo no qual ela está inserida.

A partir do diálogo interpretativo proposto na metodologia, este capítulo tem como objetivo apresentar os resultados e discutir os principais fatores que influenciam o desenvolvimento da personalidade infantil, considerando a articulação entre aspectos biológicos, sociais, culturais e afetivos, e busca compreender como as experiências vividas pela criança em diferentes contextos contribuem para a construção de sua identidade e para o seu desenvolvimento integral.

Nesse cenário, o desenvolvimento da criança ocorre por meio de um movimento contínuo de interação entre suas condições biológicas e as experiências sociais e culturais que vivenciam. O processo de desenvolvimento não se limita apenas às capacidades inatas do indivíduo, mas envolve a constante relação com o meio e com os significados produzidos socialmente. Conforme apontam La Taille, Oliveira e Dantas (2019, p. 45–46):

O indivíduo humano, dotado de um aparato biológico que estabelece limites e possibilidades para seu funcionamento psicológico, interage simultaneamente com o mundo real em que vive e com as formas de organização desse real dadas pela cultura. Essas formas culturalmente dadas serão, ao longo do processo de desenvolvimento, internalizadas pelo indivíduo e constituirão o material simbólico que fará a mediação entre o sujeito e o objeto de conhecimento. No caso da formação dos conceitos, fundamental no desenvolvimento dos processos psicológicos superiores, a criança interage com os atributos presentes nos elementos do mundo real, sendo essa interação direcionada pelas palavras que designam categorias culturalmente organizadas.

Sendo então, diferentes fatores presentes no contexto de vida da criança exercem influência significativa em sua formação, contribuindo para a construção de suas formas de pensar, sentir, agir e relacionar-se com o mundo. As experiências vividas nas relações familiares, nas interações com outras crianças, nos ambientes educativos e nas diversas

práticas culturais participam ativamente desse processo, favorecendo a construção gradual da identidade e da personalidade infantil. Torna-se necessário considerar que o desenvolvimento da criança está profundamente relacionado às condições sociais e culturais que a cercam, bem como às experiências emocionais e afetivas que marcam seu cotidiano.

Ao considerar os fatores sociais que influenciam a formação da personalidade infantil, torna-se importante compreender como as relações estabelecidas pela criança com outras pessoas participam ativamente de seu processo de desenvolvimento. Durante a infância, especialmente nos primeiros anos de vida, a criança ainda se encontra em um processo inicial de construção de suas formas de interação social, o que faz com que suas trocas com o meio e com os outros ocorram de maneira gradual e em constante transformação. A convivência com outras crianças e com os adultos é fundamental para o desenvolvimento de habilidades sociais, cognitivas e afetivas, nesse período tais relações ainda apresentam características próprias do estágio de desenvolvimento em que a criança se encontra. As autoras La Taille, Oliveira e Dantas (2019, p. 24), ressaltam segundo a perspectiva de Piaget, que:

É justamente essa relativa indiferenciação que determina o tipo de ser social que uma criança ainda é no estágio pré-operatório. A qualidade de suas trocas intelectuais com outrem ainda define um grau de socialização precário, em que ela se encontra isolada dos outros — não por estar plenamente consciente de si e fechada em si mesma por alguma decisão autônoma, mas por não conseguir usufruir da riqueza que essas trocas lhe trarão mais tarde.

Nesse momento do desenvolvimento, a criança ainda está construindo progressivamente sua capacidade de interação e cooperação com os outros, sendo as experiências sociais vivenciadas em diferentes contextos como na família, na escola e nas relações com seus pares fundamentais para ampliar suas formas de comunicação, compreensão do outro e participação no meio social. Essas interações, portanto, contribuem significativamente para a formação da personalidade infantil e para o desenvolvimento de habilidades sociais que serão gradualmente aprimoradas ao longo do processo de crescimento.

O processo de constituição da personalidade infantil também está profundamente relacionado ao modo como a criança aprende a se posicionar diante dos outros e a elucidar as regras que organizam a convivência social. À medida que participa de interações com diferentes pessoas e contextos, a criança passa a desenvolver gradualmente a capacidade de reconhecer que existem diferentes pontos de vista, aprendendo a considerar as perspectivas alheias e a estabelecer relações baseadas na cooperação e na reciprocidade. Esse movimento contribui para que o sujeito avance de uma postura mais centrada em si mesmo para uma forma de relação mais socializada, na qual o respeito às normas coletivas e às experiências do

outro torna-se parte fundamental do processo de desenvolvimento. La Taille, Oliveira e Dantas (2019, p. 24), destacam que:

A personalidade não é o "eu" enquanto diferente dos outros "eus" e refratário à socialização, mas é o indivíduo se submetendo voluntariamente às normas de reciprocidade e de universalidade. Como tal, longe de estar à margem da sociedade, a personalidade constitui o produto mais refinado da socialização. Com efeito, é na medida em que o "eu" renuncia a si mesmo para inserir seu ponto de vista próprio entre os outros e se curvar assim às regras da reciprocidade que o indivíduo torna-se personalidade [...] Em oposição ao egocentrismo inicial, o qual consiste em tomar o ponto de vista próprio como absoluto, por falta de poder perceber seu caráter particular, a personalidade consiste em tomar consciência desta relatividade da perspectiva individual e colocá-la em relação com o conjunto das outras perspectivas possíveis: a personalidade é, pois, uma coordenação da individualidade com o universal.

A construção da personalidade não ocorre de maneira isolada, mas emerge das relações sociais e das experiências compartilhadas ao longo do desenvolvimento. Ao interagir com o outro, a criança aprende progressivamente a equilibrar suas próprias necessidades e perspectivas com as dos demais, desenvolvendo habilidades sociais, afetivas e cognitivas que contribuem para sua inserção no meio social e para a consolidação de sua identidade.

Além dos aspectos sociais e culturais, o desenvolvimento da personalidade infantil também está profundamente relacionado às experiências emocionais e afetivas vivenciadas pela criança ao longo de sua trajetória. Desde os primeiros anos de vida, as relações estabelecidas com os adultos responsáveis e com outras crianças constituem importantes referências para a construção de sentimentos de segurança, pertencimento e identidade, sendo que “a afetividade é central na construção do conhecimento e da pessoa” (Gratiot-Alfandéry, p. 37, 2010).

As experiências afetivas vivenciadas no ambiente familiar e nos espaços educativos contribuem significativamente para a formação da personalidade infantil. Desse modo, a “afetividade e cognição estarão, dialeticamente, sempre em movimento, alternando-se nas diferentes aprendizagens que o indivíduo incorporará ao longo de sua vida” (Gratiot-Alfandéry, 2010, p. 37). Quando as crianças se encontram em contextos que favorecem relações de cuidado, respeito e acolhimento, ela tende a desenvolver sentimentos de confiança e segurança, elementos essenciais para a construção de sua autonomia e para o estabelecimento de relações sociais saudáveis. Por outro lado, experiências marcadas por ausência de vínculos afetivos ou por interações pouco significativas podem influenciar negativamente o modo como a criança se percebe e se relaciona com o mundo.

A Educação Infantil, ao proporcionar experiências de convivência, brincadeira, interação e expressão emocional, contribui para que a criança desenvolva gradualmente sua

capacidade de avaliar sentimentos, lidar com frustrações, estabelecer vínculos e participar de relações sociais baseadas no respeito e na cooperação. O espaço educativo configura-se como um ambiente privilegiado de socialização, no qual a criança amplia suas experiências afetivas e aprende a se relacionar com o outro de maneira cada vez mais consciente.

As contribuições de Wallon (2010) auxiliam na compreensão de como os aspectos afetivos participam da construção da personalidade e do desenvolvimento infantil. Segundo Gratiot-Alfandéry, (2010, p. 36):

Para Wallon, o desenvolvimento, pensado dialeticamente, alterna momentos de maior introspecção (etapas centrípetas) e de maior extroversão (etapas centrífugas). De acordo com as características e condições de determinado estágio do desenvolvimento, os processos estarão voltados para o interior ou para o exterior, num contínuo movimento de internalização e externalização. E esse movimento pendular que permite ao sujeito sua construção em direção a autonomização. As etapas centrípetas, presentes nos estágios do 'emocional', do 'personalismo' e da 'adolescência' são preponderantemente afetivas e "voltadas para a assimilação, a elaboração íntima, a edificação do sujeito e de sua relação com o outro".

A partir dessa perspectiva, o desenvolvimento infantil envolve um processo dinâmico no qual os aspectos afetivos, sociais e cognitivos se articulam continuamente. As experiências emocionais vivenciadas pela criança nos diferentes contextos de convivência especialmente na família e na escola, contribuem para a construção de sua identidade e de sua personalidade, favorecendo o desenvolvimento de sua autonomia e de suas formas de relação com o mundo.

Ao considerar os fatores sociais, culturais e emocionais que rodeiam o desenvolvimento infantil, a formação da personalidade da criança resulta de um processo dinâmico e contínuo, construído nas interações estabelecidas com diferentes pessoas, contextos e experiências ao longo de sua trajetória de vida.

Entende-se que o desenvolvimento da criança envolve constantes processos de assimilação das experiências vividas e de expressão dessas experiências nas relações que estabelece com o meio. As vivências sociais, culturais e afetivas participam ativamente da construção de sua identidade, contribuindo para que a criança desenvolva formas próprias de perceber a si mesma, aos outros e ao mundo que a cerca. Nesse processo, as interações com a família, com outras crianças e com os educadores tornam-se fundamentais, pois possibilitam a ampliação das experiências de convivência, comunicação e aprendizagem.

As oportunidades oferecidas pelo ambiente em que a criança está inserida influenciam diretamente suas possibilidades de desenvolvimento. Ambientes que favorecem o diálogo, a escuta, a brincadeira e a participação ativa da criança contribuem para o fortalecimento de sua autonomia, de sua autoestima e de suas capacidades sociais e emocionais. As experiências

vivenciadas nesses contextos tornam-se elementos significativos na construção da personalidade infantil, possibilitando à criança experimentar diferentes formas de interação, expressão e participação no meio social.

Sob esse viés, os diferentes fatores que influenciam o desenvolvimento infantil possibilitam reconhecer a importância de contextos educativos e sociais que valorizem as experiências vividas pela criança. Nesse processo, torna-se essencial considerar que o desenvolvimento não ocorre apenas a partir de aspectos individuais, mas resulta da relação constante entre as condições internas do sujeito e as influências do meio em que está inserido. Conforme destaca a autora ao tratar das contribuições de Wallon (2010), “embora o desenvolvimento psíquico da criança suponha uma espécie de implicação mútua entre fatores internos e externos” (Gratiot-Alfandéry, 2010, p. 48). Assim, as interações sociais, as experiências afetivas e os estímulos presentes no ambiente tornam-se elementos fundamentais para a construção gradual da personalidade infantil.

Essa relação entre fatores internos e externos permite reconhecer que o desenvolvimento da criança ocorre de forma integrada, envolvendo aspectos biológicos, sociais, culturais e emocionais. As experiências vividas no convívio familiar, nas interações com outras crianças e nos ambientes educativos contribuem significativamente para a formação de sua identidade, de suas formas de pensar, sentir e agir. Portanto, considerar essas múltiplas influências torna-se fundamental para verificar o processo de constituição da personalidade infantil e para promover práticas educativas que favoreçam o desenvolvimento integral da criança.

Diante disso, a constituição da personalidade infantil implica reconhecer a criança como um sujeito em constante formação, cujo desenvolvimento se dá nas interações entre aspectos biológicos, sociais, culturais e afetivos, evidenciando a importância de contextos que favoreçam experiências significativas e relações humanizadoras.

Torna-se evidente que o desenvolvimento da personalidade infantil constitui um processo complexo, dinâmico e relacional, sendo ele resultante de articulações que vão desde fatores biológicos, sociais, culturais e emocionais. O Quadro 4 traz os diferentes autores e suas ideias para a construção da personalidade infantil.

Quadro 4 - Síntese das contribuições elencadas no texto para o desenvolvimento da personalidade infantil

AUTORES	CONTRIBUIÇÃO	IDEIAS	IMPACTO NO
---------	--------------	--------	------------

	PRINCIPAL	CENTRAIS	DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE
Vygotsky	Desenvolvimento sociocultural	O sujeito se constitui nas relações sociais; A cultura molda o funcionamento psicológico.	A personalidade é construída por meio das interações sociais e da mediação cultural.
Wallon	Integração afetividade e cognição	Desenvolvimento em fases com alternância entre emoção e razão; Importância das crises.	A personalidade se forma de maneira dinâmica, com base nas emoções, relações e conflitos.
Piaget	Desenvolvimento cognitivo	Construção do conhecimento por estágios e interação com o meio.	A criança constrói sua personalidade ao organizar suas experiências e compreender melhor o mundo.
Dessen e Costa	Teoria sistêmica da família	Família como sistema dinâmico, com relações interdependentes.	O ambiente familiar influencia diretamente a formação emocional e social da criança.
Maria Montessori	Educação baseada na autonomia da criança	Ambiente preparado, liberdade e respeito ao ritmo da criança.	Favorece o desenvolvimento da autonomia, independência e construção do “eu”.
Friedrich Fröbel	Importância do brincar	Brincadeira como expressão do desenvolvimento.	A personalidade se constrói por meio da criatividade, imaginação e interação.
Gratiot Alfandéry	Papel da afetividade	Afetividade e cognição em constante interação.	As experiências emocionais são fundamentais na construção da identidade.

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

A partir desta síntese, torna-se possível elucidar de forma integrada como diferentes perspectivas teóricas contribuem para a análise do desenvolvimento da personalidade infantil, evidenciando que este processo é construído nas interações entre sujeito e os diversos contextos em que ele está inserido (Quadro 5).

Quadro 5 - Síntese das Discussões Teóricas e Achados da Pesquisa

Discussões Teóricas Desenvolvidas	Principais Autores	Principais Achados da Pesquisa
O desenvolvimento da personalidade ocorre desde os primeiros anos de vida e resulta da interação entre fatores biológicos, emocionais, cognitivos, sociais e culturais. As emoções constituem as primeiras formas de comunicação e interação da criança com o mundo.	Henri Wallon, Jean Piaget, Lev Vygotsky, Alexander Luria, Alexei Leontiev, Papalia e Feldman	Por meio de experiência
A família é o primeiro espaço de socialização da criança e o principal contexto de formação dos vínculos afetivos. As relações estabelecidas nesse ambiente influenciam diretamente o desenvolvimento emocional e psicológico infantil.	Bowlby, Winnicott, Dessen e Costa, Bee e Boyd, Wallon	Laços familiares seguros
A Educação Infantil constitui um espaço privilegiado de aprendizagem, socialização e ampliação das experiências infantis. As interações, brincadeiras e mediações pedagógicas favorecem o desenvolvimento integral da criança.	Montessori, Fröbel, Vygotsky, Nunes e Silveira	A escola desempenha papel fundamental na formação da personalidade ao proporcionar experiências significativas que promovem o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e cultural da criança.
O desenvolvimento infantil ocorre em estreita relação com o contexto histórico, social e cultural. A criança apropria-se dos valores, normas, significados e práticas culturais presentes em seu meio.	Vygotsky, Luria, Leontiev.	A personalidade é construída socialmente. As condições de vida, os contextos culturais e as oportunidades de interação influenciam diretamente a constituição da subjetividade e das formas de agir, sentir e pensar da criança.
Emoção, cognição,	Wallon, Piaget, Vygotsky, La	O desenvolvimento da

movimento e interação social constituem dimensões indissociáveis do desenvolvimento humano. O sujeito se desenvolve por meio das experiências vividas e das relações estabelecidas com o outro e com a cultura.	Taille; Oliveira; Dantas, e outros.	personalidade ocorre de forma integrada, dinâmica e não linear, sendo resultado da articulação contínua entre fatores afetivos, cognitivos, sociais e culturais ao longo da infância.
---	-------------------------------------	---

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

A análise realizada ao longo desta pesquisa permitiu constatar que a formação da personalidade infantil não pode ser explicada por fatores isolados, mas pela complexa articulação entre experiências emocionais, vínculos afetivos, relações sociais, práticas culturais e contextos educativos. Os achados evidenciam que a primeira infância constitui uma etapa decisiva para o desenvolvimento humano, pois é nesse período que se estruturam as bases da identidade, da autonomia, da regulação emocional e das formas de relacionamento com o mundo. Portanto, reafirma-se a necessidade de fortalecer as relações entre família, escola e sociedade, promovendo ambientes acolhedores, afetivos e socialmente significativos que assegurem às crianças condições favoráveis para seu desenvolvimento integral e para a construção de uma personalidade saudável ao longo da vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, buscou-se compreender de que maneira as experiências emocionais vivenciadas na primeira infância influenciam a formação da personalidade da criança, considerando os vínculos afetivos estabelecidos com a família, o ambiente escolar e o contexto social e cultural mais amplo. A partir das discussões teóricas, torna-se possível evidenciar que o desenvolvimento da personalidade é um processo complexo, dinâmico e multideterminado, o qual não pode ser explicado apenas por um único fator, mas sim pela articulação contínua entre todos os aspectos, sendo biológicos, afetivos, sociais e culturais.

Ao retomar o objetivo geral da pesquisa, compreender a influência das experiências emocionais na formação da personalidade da criança durante a primeira infância, pode-se analisar que, desde os primeiros momentos de vida, a criança estabelece relações afetivas que estruturam suas formas de sentir, agir e se relacionar com o mundo à sua volta. As emoções, nesse contexto, não são apenas manifestações passageiras, mas constituem a base das primeiras formas de comunicação e interação, as quais influenciam diretamente o desenvolvimento psicológico e social. A forma como a criança é acolhida, cuidada e estimulada em seus primeiros anos de vida impactam significativamente a construção de sua identidade, de sua autonomia e de suas relações futuras.

No que se refere ao primeiro objetivo específico, analisar a importância dos vínculos afetivos familiares, a pesquisa evidenciou que a família se configura como o primeiro e mais significativo espaço de socialização da criança. Sendo então, nesse ambiente que se estabelecem as bases emocionais que sustentam o desenvolvimento da personalidade. Essas relações marcadas pelo afeto, pela segurança e pela estabilidade, as quais contribuem para a construção de um sujeito mais confiante, autônomo e capaz de estabelecer relações saudáveis. Por outro lado, contextos familiares fragilizados ou marcados por instabilidade emocional podem gerar inseguranças, dificuldades de regulação emocional e desafios no processo de socialização. Dessa forma, a qualidade das interações familiares é determinante, mas não única, para o desenvolvimento emocional e para a constituição do “eu” da criança.

Em se tratando do segundo objetivo específico, investigar a contribuição do ambiente escolar para o desenvolvimento das competências emocionais, constatou-se que a Educação Infantil desempenha um papel fundamental na formação integral da criança. Ao se constituir como um espaço de convivência, interação e aprendizagem, o ambiente escolar amplia as experiências da criança para além do contexto familiar. As práticas pedagógicas, quando intencionalmente organizadas, favorecem o desenvolvimento das dimensões cognitivas,

sociais, culturais e emocionais. A brincadeira, as interações e a mediação do professor são elementos centrais nesse processo, possibilitando que a criança explore o mundo, expresse sentimentos, desenvolva a imaginação e construa conhecimentos. Dessa forma, a escola não apenas complementa, mas potencializa o desenvolvimento da personalidade, ao oferecer experiências diversificadas e socialmente significativas.

No que diz respeito ao terceiro objetivo específico, identificar a influência do contexto social e cultural, pode ser perceptível que o desenvolvimento infantil está profundamente relacionado às condições de vida da criança e às experiências que ela vivencia em seu meio. O contexto sociocultural fornece os significados, valores e práticas que são internalizados pela criança ao longo de seu desenvolvimento. Dessa forma, a personalidade não se constrói de maneira isolada, mas na relação com o outro e com a cultura. As interações sociais, mediadas pela linguagem e pelas práticas culturais, contribuem para a formação das funções psicológicas superiores e para a constituição da subjetividade.

Ao retomar o quarto objetivo específico, refletir sobre a inter-relação entre fatores emocionais e a formação da personalidade, destaca-se que o desenvolvimento infantil ocorre de forma integrada, sendo impossível dissociar emoção, cognição e interação social. As contribuições teóricas analisadas ao longo do trabalho reforçam a ideia de que a criança é um sujeito ativo em seu processo de desenvolvimento, que se constitui por meio das experiências vividas, das relações estabelecidas e das mediações culturais. O desenvolvimento da personalidade, portanto, não segue uma trajetória linear, mas é marcado por transformações, reorganizações e até mesmo por conflitos, que fazem parte do processo de construção do sujeito. Essa compreensão teórica responde diretamente à inquietação prática que motivou este trabalho: o caso dos irmãos gêmeos. Fica evidente que estar no mesmo ambiente físico não garante personalidades iguais, pois o que determina o desenvolvimento são as experiências subjetivas, a atividade interna e a forma singular como cada criança internaliza e reage às relações ao seu redor.

Diante dessas considerações, conclui-se que entender o desenvolvimento da personalidade na primeira infância exige um olhar sensível e ampliado sobre a criança, reconhecendo-a em sua totalidade. Tal compreensão implica valorizar os vínculos afetivos, promover ambientes educativos acolhedores e garantir condições sociais que favoreçam o desenvolvimento integral. Tanto a família quanto a escola assumem responsabilidades fundamentais na formação da criança, sendo necessário que atuem de forma complementar e articulada.

Além disso, este estudo contribui para a reflexão sobre práticas pedagógicas mais conscientes e humanizadas, que considerem a criança como protagonista de seu processo de desenvolvimento. Reconhecer a importância das experiências emocionais na infância permite repensar o papel do educador, que passa a ser mediador das relações, das aprendizagens e das vivências que constituem o sujeito.

Por fim, ressalta-se que o tema não se esgota neste trabalho, sendo possível aprofundar futuras investigações que considerem a realidade prática das instituições de Educação Infantil, bem como estudos empíricos que analisem diretamente as vivências das crianças em seus diferentes contextos. Esta pesquisa reafirma a importância da primeira infância como um período decisivo para a formação humana, no qual se estruturam as bases da personalidade e do desenvolvimento ao longo da vida.

Entretanto, apesar dos avanços nas discussões sobre o desenvolvimento infantil e a importância das experiências emocionais na constituição da personalidade, ainda existem desafios significativos para a Educação Infantil. Entre eles, destacam-se a necessidade de formação continuada dos profissionais da educação para entender e acolher as demandas emocionais das crianças, a construção de práticas pedagógicas que integrem o desenvolvimento socioemocional ao processo de aprendizagem e o fortalecimento da parceria entre escola e família. Além disso, as desigualdades sociais e as diferentes realidades vivenciadas pelas crianças exigem que as instituições educativas atuem de forma cada vez mais inclusiva, sensível e comprometida com a promoção do desenvolvimento integral.

Nesse contexto, torna-se fundamental que as políticas educacionais e as práticas escolares reconheçam a dimensão emocional como parte indissociável do processo educativo. Investir em ambientes acolhedores, em relações pautadas pelo respeito e na valorização das singularidades infantis representa um caminho importante para favorecer o bem-estar, a aprendizagem e a formação de sujeitos mais autônomos, críticos e emocionalmente saudáveis.

Como perspectiva para futuras pesquisas, sugere-se a realização de estudos empíricos que investiguem diretamente as experiências emocionais das crianças nos diferentes contextos educativos, bem como pesquisas que analisem as estratégias utilizadas pelos professores para promover o desenvolvimento socioemocional na Educação Infantil. Também se mostra relevante aprofundar investigações sobre a relação entre família, escola e comunidade na formação da personalidade infantil, contribuindo para a construção de práticas educativas cada vez mais fundamentadas, humanizadas e alinhadas às necessidades das crianças na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- ADORIAN, Rebeca Thifanny Leal; MOURA, Ana Carla Pereira; KONZEN, Maria Souza; AMARAL, Thaís Campos Borges; SILVA, Niely Oliveira; SILVA, Victória Oliveira; SALES, Willian Tihago Quirino. **Teoria do apego**. Revista Cathedral, v. 6, n. 2, p. 103-122, 10 jun. 2024.
- BEE, Helen; BOYD, Denise. **A criança em desenvolvimento**. 12. ed. São Paulo: Pearson, 2011.
- BISSOLI, Michelle de Freitas. Desarrollo de la personalidad del niño: el papel de la Educación Infantil. **Psicologia em Estudo**, v. 19, p. 587-597, 2014.
- DESSEN, Maria Auxiliadora; COSTA, Áderson Luiz (orgs.). **A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- FRÖBEL, Friedrich Wilhelm August. **A educação do homem**. Tradução e apresentação de Maria Helena Camara Bastos. Passo Fundo: UPF, 2001.
- GONÇALVES, Georgia Marin. **Importância do vínculo familiar no desenvolvimento infantil e consequências disfuncionais**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade de Caxias do Sul, Bento Gonçalves, 2022.
- GRATIOT-ALFANDÉRY, Hélène. **Henri Wallon**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2010.
- LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. 28. ed. São Paulo: Summus, 2019.
- LEMOES, Ana Stela Couto; MAGIOLINO, Lavínia Lopes Salomão; SILVA, Daniele Nunes Henrique. Desenvolvimento e Personalidade: o papel do meio na primeira infância. **Educação & Realidade**, v. 47, e116926, 2022.
- LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Aleksei Nikolaievitch; VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 16. ed. São Paulo: Ícone, 2017.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Editora Hucitec, 2000.
- NUNES, Ana Ignez Belém Lima; SILVEIRA, Rosemary do Nascimento. **Psicologia da aprendizagem: processos, teorias e contextos**. Brasília: Liber Livro, 2011.
- PALANGANA, Isilda Campaner. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vigotski: a relevância do social**. Summus Editorial, 2015.
- PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.
- PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

PIAGET, Jean; INHELDER, Bärbel. A psicologia da criança. 7. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2012.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisión sistemática X Revisión narrativa. **Acta paulista de enfermagem**, v. 20, p. v-vi, 2007.

SYLVA, Kathy; LUNT, Ingrid. **Iniciação ao desenvolvimento da criança**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

TRINCA, Walter. **O ser interior na psicanálise**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Aleksei Nikolaievitch. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução de Maria da Pena Villalobos. São Paulo: Ícone, 2005.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Aleksei Nikolaievitch. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução de Maria da Pena Villalobos. 11. ed. São Paulo: Ícone, 2007.

Vygotsky, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.